O HYSSOPE,

POEMA

HEROI-COMICO

DE

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

— — — Ridentem dicere verum
Quid vetat?

HORAT. lib. 1. Sat. 1.

— — — Ridiculum acri
Fortius et melius magnas plerumque secat res.

HORAT. lib. 1. Sat. 10.

LISBÓA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1808.
Com Licença.

ARGUMENTO.

Jozé Carlos de Lara, Deaõ da Igreja de Elvas, querendo obsequiar o seu Bispo o Ex.mo e Rev.mo D. Lourenço de Lancastre, vinha offerecer-lhe o Hyssope á porta da Casa do Cabido, todas as vezes que este Prelado ia exercitar as suas funções na Sé. Depois, esfriando esta amizade por motivos que nos saõ occultos, mudou o dito Deaõ de systema; o que o Bispo sentio em extremo, como uma grande affronta feita á sua ill.ma pessoa: e para o obrigar a continuar no mesmo obsequio, maquinou com alguns seus parciaes do Cabido, que este lavrasse um Accordaõ, pelo qual o Deaõ fosse obrigado, debaixo de certas multas, a naõ o esbulhar da pertendida posse, em

que se achava. Deste terrivel Accordaõ appellou o Deaõ para a Metrópole, onde teve sentença contra si. Esta é a acçaõ do Poema.

Passado pouco tempo depois da referida sentença, morreo o Deaõ, e lhe succedeo no Deado um sobrinho seu, chamado Ignacio Joaquim de Alberto de Matos, o qual recusando sujeitar-se, como seu tio, ao sobredito encargo, foi pelo Bispo asperamente reprehendido, e ameaçado. Entaõ interpoz o mesmo um recurso á Coroa, cujo tribunal mandando ao Bispo dar razaõ do seu procedimento, este cheio de um' terror panico, desistindo da imaginada posse, negou haver tal Accordaõ, e tudo quanto tinha obrado a este respeito.

Tudo isto dá materia ao Vaticinio de Abraçadabro, e é um dos Episodios de que se reveste o presente Poema.

O HYSSOPE,

POEMA

HEROI-COMICO.

CANTO PRIMEIRO.

Eu canto o Bispo, e a espantosa guerra,
Que o Hyſſope excitou na Igreja d'Elvas.
Musa, Tu, que nas margens aprazìveis,
Que o Sena borda de arvores viçoſas,
Do famoſo Boileau a fertil mente
Inflammaſte benigna, Tu me inflamma,
Tu me lembra o motivo, Tu as cauſas,
Por que a tanto furor, a tanta raiva
Chegáraõ o Prelado, e o seu Cabido.

Nos vastos intermundios de Epicuro
O graõ paiz ſe eſtende das Chyméras,
Que habita immenſo Povo, differente

Nos coſtumes, no geſto, e na linguagem.
Aqui naſceo a Moda, e d'aqui manda
Aos vaidoſos mortaes as várias fórmas
De ſeges, de veſtidos, de toucados,
De jógos, de banquetes, de palavras,
Unico emprego de cabeças ocas.
Trezentas bellas, caprichoſas Filhas,
Preſumidas a cercaõ, e se occupaõ
Em buſcar novas artes de adornar-ſe.
Aqui ſeu berço teve a eſpinhoſa
Eſcholaſtica vãa Philoſophia,
Que os Clauſtros inundou, e que abraçaraõ
Até á morte os perfidos Solipſos.
Daqui ſahiraõ, a infeſtar os campos
Da bella Poesia, os Anagrammas,
Labyrinthos, Acróſticos, Segures,
E mil eſpecies de medonhos Monſtros,
A cuja viſta as Muſas eſpantadas,
Largando os inſtrumentos, ſe eſcondêraõ
Longo tempo nas grutas do Parnaſſo.
Aqui (couſa piedoſa !) alçou a fronte
A inſipida Burleta, que tyranna
Do Theatro deſterra indignamente
Melpomene, e Thalia; e que recebe
Grandes palmadas da Naçaõ caſtrada.
Do denſo Povo, que o paiz povoa,

Uns com pródiga maõ ricos thesouros,
A troco d'uma Concha, ou Borboleta,
Ou d'uma eſtranha Flor, que repreſente
As vivas côres do liſtrado Iris,
Diſpendem ſatisfeitos: outros paſſaõ,
Sem ceſſar, revolvendo noite e dia,
Do antigo Lacio antigos manuscriptos,
Do roaz tempo meio-conſumidos,
Para depois tecer groſſos volumes
Do = H = ſobre a pronuncia; ou ſe ſe deve
A conjunçaõ unir ao verbo, ou nome,
Que marchaõ antes della no diſcurſo.
Alguns (miſera gente!) inutilmente
Compõem grandes Illiadas, e tecem
Aos vaidoſos Magnates, mil Sonetos,
Mil Pindáricas Odes, e Epigrammas,
A que apenas de olhar elles ſe dignaõ.
Eſtes, cujas cabeças deſgraçadas
Naõ baſtaõ a curar tres Anticyras,
Abrazados ſe crêm d'um ſanto fogo,
E ter commercio com os altos Deoſes:
Senhores da aurea fama, e ſeus theſouros
Se inculcaõ aos Heróes, e em ſeus delirios,
Se julgaõ mais felizes, e opulentos
Que o grande Imperador da Trapizonda;
Em quanto, na pobreza ſubmergidos,

Cobertos de baldões, e de improperios,
Dos Ricos ignorantes, e dos Grandes,
Com mófa, e com desprezo saõ olhados.

Deste pois populoso, e vasto Imperio
Em paz empunha o sceptro poderoso
O Génio tutelar das Bagatellas.
N'um magestoso Alcáçar, que se eléva,
Com estranha structura, até ás nuvens,
Assiste o grande Nume; e d'alli rége
A Lunática gente a seu arbitrio.
De transparente talco fabricado
É o largo edificio, que sustentaõ
Cem delgadas columnas de missanga.
Nos quatro lados, em igual distancia,
Quatro torres de lata se levantaõ,
Do Capricho obra, em tudo, muito prima,
Onde a materia cede muito á Arte.

Aqui pois a Concelho chama o Génio
Do seu Imperio os principaes Dynastas,
N'um vistoso salaõ, todo coberto
De papel prateado, e lantejoilas,
Se ajunta a grande Corte; e alli, por ordem,
Assentando-se vai: aos pés do throno,
De alambres, e velorios embutido,

A Lisonja se via, e a Excellencia;
Segue-se a Senhoria, e abaixo d'ella,
O Dom surrado, as grandes cortezias,
O Wisth, o Trinta e um, os Comprimentos;
E logo o Vampirismo, os Sortilegios,
Os Sylphos, Salamandras, Nymphas, Gnomos,
E os outros Génios da subtil Cabala.
De mil vãas Ceremonias rodeada,
Os assentos reparte a Precedencia.

Composto o graõ rumor, e socegado,
Assim do alto do throno o Genio falla:
» Illustres moradores deste excelso
Magnifico Palacio, bem sabido
Já ha muito tereis o quanto deve
O meu augusto Genio, a nossa Corte
Ao graõ Prelado, que as ovelhas pasce
Dos Elvenses redís; notorio a todos
Sem duvida vos é, como pospondo
Das funções mais piedosas o cuidado
Ás nossas bagatellas, só se emprega
Em cousas vãas, ridiculas, e futeis.
A corrupta, mas real Genealogia,
O roxo tercio-pelo dos sapatos,
As pedras, que lhe esmaltaõ as fivellas,
A preciosa Saphyra, a linda Caixa,

Onde, sobre Amphitrite (que tirada
De escamosos Delphins, n'uma aurea Concha,
Os verdes Campos de Neptuno undoso,
Cercada de Tritões, núa passeia)
Do famoso Martin o verniz brilha,
Seu emprego só saõ, e seu estudo.
Em fim, entre os mortaes, naõ ha quem renda
Á minha Divindade maior culto.
Agradecido pois ao grande empenho,
Que mostra em nos honrar, tenho disposto
Dar á sua vaidade um novo pasto.
Que a uma escusa porta o Deaõ sáia
C'o Hyssope a espera-lo, determino.
Deste meu parecer quiz dar-vos parte,
Naõ só para escutar os vossos votos,
Mas para que saibais, e fiqueis certos,
Que a corte naõ fazeis a um Nume ingrato. »

Acabou de fallar; e confirmando
Todo o sabio Congresso o seu dictame,
Um sussurro no Conclave se espalha,
Ao do Zephyro em tudo similhante,
Quando nas frescas tardes suspirando,
A bella Flora segue, que travêssa
Cá, e lá, entre as flores, se lhe furta.
Mas a vãa Senhoria, que se lembra,

Que em caza do Deaõ ſempre encontrára
A mais benigna, a mais certa guarida,
Que ſeu nome na boca do Lacaio,
Do Cozinheiro, e da Ama andava ſempre,
A cabeça movendo deſcontente,
Tres vezes eſcarroũ, e a voz alçando,
Deſta ſorte fallou ao graõ Deſpota:

» Soberano Monarca, que Tu queiras
Premiar a quem te honra, empreza digna
É de teu coraçaõ: eu meſma approvo,
E mil vezes dictára eſte conſelho:
Mas que, para o fazer, hoje pertendas
Que um Deaõ de *Creſcente*, e curta viſta
A dignidade abata, e a esperar ſáia
N'uma porta de escada o ſeu Prelado,
Nem juſto me parece, nem louvavel.
Se Tu queres honrar ſua Excellencia,
Outras maneiras ha de conſegui-lo:
Na meſma Igreja de Elvas, e Cabido
Ha um Baſtos, um Sousa, dous Aporros,
Que, juntos com os Pirras, pódem todos
Inda á meſma commua acompanha-lo,
Levantar-lhe a cortina do trazeiro,
Lavar-lhe o nédio cu, — e até beijar-lho.
Eſtes, e outros d'eſta meſma eſtofa,

De que o Bispado quasi todo abunda,
Ás costas vaõ buscar o gordo Bispo,
Que inda que um pouco péza, vem seguro;
Que saõ cavallos mestres, e possantes. »

Mais queria dizer o vaõ Dynasta,
Quando, do seu assento, esbravejando,
Se levanta impetuosa a Excellencia.
O furor que lhe inflamma o grave aspecto
As palavras lhe corta; e principia
Cem vezes o discurso, e logo pára:
Até que nestas descompostas vozes
Finalmente atroou a grande sala;

« Como! E é possivel que haja quem se atreva,
Neste Congresso, a oppor-se, cara a cara,
Aos obsequios, que Tu, oh Nume, ordenas
A uma Reverendissima Excellencia!
Um Deaõ, c'o seu Bispo comparado
Um cominho naõ é? Se Tu, oh Nume,
O teu grande projecto naõ sustentas,
Eu só... » E nisto bate o pé na casa.
Ao rijo som da bestial patada
Tremeo o regio solio, e o pavimento.
Assentos, e Assistentes assustados
Cahiraõ pela terra. Entaõ o Génio

Alçando um pouco a voz : » Basta (lhe disse)
Eu disputas naõ quero em meu Concelho.
Minha resoluçaõ está tomada :
Eu a escrevi , eu mesmo , em meu canhenho ;
E o que escrevo uma vez , nunca mais borro. »

Aqui , c'o rosto um pouco carregado ,
O Conclave despede ; e logo chama
A vistosa Lisonja , que n'um ponto
Cem caras ; cem vestidos , cem figuras ,
Cem linguas toma , e muda brevemente
De palavras , e tom , segundo o gosto
Dos que o governo tem , e assim lhe falla :

» Magnate principal da minha Corte ,
Eu , para executar este projecto ,
Entre todos te escolho : diligente
Parte a cumpri-lo ; pois de tuas artes ,
E de ti só confio a grande empreza. »

Acaba ; e mais veloz que a leve séta
Parte do Itureo arco , ou na alta noite
Cahir se vê do Ceo brilhante estrella ,
Vôa o falso ministro , abrindo os ares.

Junto da bocca do cruel Averno ,

A Provincia ſe vê da Dependencia,
Cujos Campos retalha, murmurando,
Um pequeno ribeiro de agua turva.
Naõ cria em ſuas margens tronco altivo;
Mas ſó hervas humildes, e raſteiras
Produz o ſeu humor; ſe algum arbuſto
Mais viçoso rebenta, as ſuas folhas
Tem para a terra todas inclinadas.
Funeſto influxo do licor maligno,
Que o ſuco lhe miniſtra! Aqui, voando,
A Liſonja chegou; e enchendo de agua
Uma pequena enfuſa, que trazia,
As azas abre, parte alegremente,
Fendendo os leves ares; mil Cidades,
Mil Povos deixa atraz, até que chega
Da famoſa azeitona á grande Terra.

Aqui, tomando a fórma do Lacaio
Do farfante Deaõ, entra na casa,
A tempo, que de chambre, e de chinellas,
Pela comprida ſala paſſeava,
Sorvendo uma pitada de tabaco,
Do quando em quando ſua Senhoria.
Ora á janella chega, e applicando
Uma pequena lente á curta viſta,
O que paſſa na Praça vigiava;

Ora arrotando, para dentro torna.
Ardia entaõ em calma toda a terra,
E o calor, que as goelas lhe ſeccava,
Lhe faz bradar por agua, e caramélos.

A Liſonja, que idoneo tempo vira
Para tamanha empreza, um copo enchendo
Da turva Lympha do regato impuro,
Com quatro caramélos, n'uma salva
Lhe levou mui lampeira; elle ſorvendo,
Com muita mogiganga o fofo aſſucar,
Os dedos lambe, e logo o copo vaza
Do maligno licor dentro na panſa.
Acabou de beber; e pouco a pouco
O veneno ſe actua dentro na alma.
Uma chamma ſubtil, um vivo fogo
Lentamente ſe ateia: arde em desejos
De ir o Biſpo buſcar, de offerecer-lhe
O mais activo incenſo; mil obſequios
Na cabeça lhe rolaõ, e o tranſportaõ:
Da tarde em todo o reſto naõ ſocega,
Nem na profunda noite eſtas ideias
O deixaõ deſcanſar um ſó momento:
Sobre os ſofos colchões revolve o corpo,
Mil maneiras penſando de adula-lo.
Umas vezes lhe lembra debuxar-lhe

Em dourado papel sua prosapia,
Mas de Genealogia nada entende
O trifte, por feu mal: outras lhe occorre
Ir calçar-lhe os fapatos: com inveja
Olha do illuftre Almeida a feliz forte,
Que os pratos, e a bebida lhe miniftra.
Da noite a maior parte affim confome
Neftes projectos vaõs; e em nada affenta.

Até que, junto ao toque da alvorada,
A Lifonja, tomando a leve fórma
D'um doce fonho, apenas cerra os olhos,
Entre mil vaõs phantafmas lhe apparece,
E affim lhe falla: « Oh grande Dignidade,
Cabeça illuftre do Cabido Elvense,
Se do teu alto engenho hoje pertendes
Dar ao Mundo uma prova, humildemente
Tomando o bento Hyffope, á porta nova,
Com elle, o teu Prelado, prompto efpera.
Honrar noffos Mayores coufa é fanta,
Que a Natureza infpira: da Syntaxe
O Cartapacio diz, que mais illuftres
Seremos, quando formos mais humildes. »

Nefte ponto acordou o Prebendado;
E veftindo-fe á preffa, á Igreja corre,

Sem fazer oraçaõ , o Hyſſope toma ,
E com elle , na porta ſinalada ,
Sua Excellencia espera : alli apenas
Da liteira aſſomou o grande macho ,
Por terra se proſtrou , e deſta ſorte
Ao Paſtor , que ſe apeia , o Hyſſope off'rece ,
Que uma ſanta vaidade reſpirando ,
Nelle alegre pegou , e o ſacro Asperges
Circunspecto lhe lança ; em ſi cuidando ,
Que todo eſte profundo acatamento
A ſeu illuſtre berço era devido :
E neſtas vãas ideias engolfado ,
Foi devoto cantar a grande Miſſa.

CANTO II.

Reinava a doce paz na ſanta Igreja ;
O Biſpo , e o Deaõ , ambos conformes
Em dar , e receber o bento Hyſſope ,
A vida em ocio ſanto conſumiaõ.
O bom vinho de Malaga , o prezunto
Da celebre Montanche , as Gallinholas ,
As Perdizes , a Rola , o tenro Pombo ,
O graõ Chá de Pekin , e lá da Méca
O cheiroſo Caffé , em lautas mezas
Do tempo a maior parte lhes levavaõ ;
E o reſtante jogando exemplarmente ,
Ou dormindo paſſavaõ , ſem ſenti-lo.

Em tanto a Senhoria , em cujo peito
Altamente ficou depoſitada
Da ſoberba Excellencia a petulancia ,
Mil vinganças na mente revolvendo ,
Comſigo meſma diz : » Que ! Por ventura
Naõ ſou Eu a ſublime Senhoria ,
Idolo de Pelões , e de Caſquilhos ?

Quantas Moças gentís, em cujos rostos
Entre Lirios brilhar se vem as Rosas,
A meu culto naõ rendem seus cuidados?
Quantos graves Varões, que sobre os livros,
Ou de cans sob os elmos se cobriraõ?
Nas ricas, o faustosas assembleas
Naõ tenho porta franca? Naõ me fazem
Os circunstantes todos mil lisonjas?
Naõ correm apoz mim? naõ me festejaõ?
Pois como soffro que a Excellencia altiva
A seus pés me derrube, e me atropelle?
Que triunfe de mim impunemente?
Ah! se esta injuria soffro, com despreso
Entre a gente será meu nome ouvido:
Nem em casas armadas de damasco,
Ou de panos de raz, onde espumando
Na rica transparente porcelana,
De Caracas se serve o Chocolate,
Roda o Chá, o Caffé, se joga o Wisth,
Terei, como costumo, entrada livre:
E sómente nas lojas dos Barbeiros,
Ou pintadas boticas, entre as moscas,
A vida passarei triste, e sem honra.
Ás armas pois corramos, e á vingança;
Que desmaiar á vista dos perigos
É de animo abatido indicio certo.

Mil artes, mil maneiras de vingar-me
Bufcará minha aftucia O mundo inteiro
Hoje conhecerá minha potencia. »
Diffe: e fobre o veloz dourado carro,
Que tiraõ feis Pavões, irada sobe,
Levemente rafgando o ar fereno.

Nas entranhas de Rhodope efcabrofa
Uma furna fe rafga, taõ medonha,
Que um gelado tremor, á fua vifta,
Dos timidos mortaes os offos corre:
Aqui lutando fempre em viva guerra,
Rugem mil furacões de oppoftos ventos:
Aqui fe ouvem filvar horrendamente
Gorgones, e Ceraftes: a Difcordia
Aqui morada tem, aqui feu trono.
A efte horrendo hofpicio a Senhoria,
Batendo as redeas ás pompofas aves,
Guia o foberbo Carro, efpavorida
Da trifte vifta do medonho alvergue.
Tres vezes quiz atraz volver o vôo
Das bellas aves o foberbo tiro,
E tres vezes o Genio vingativo,
Sacudindo raivofo o longo açoute,
O conftrange, por fim, a tomar terra.
Alli do Carro desce, e as palpadélas,

Pela cega Caverna entra animoſa.
No mais profundo da ſombria eſtancia
Aſſiſte a cruel Deoſa, cujo roſto
Apenas ſe diviſa, á luz confuſa,
Que eſpalhaõ, reſpirando de continuo
Por olhos, e gargantas, cem Serpentes.
Aqui o Genio chega; e derribado
Pela terra, que beja humildemente,
Deſta ſorte fallou: « Nume terrivel
Cujo grande poder, cuja vingança
A Terra faz tremer, e o meſmo Olympo;
A teus pés hoje chega a Senhoria;
Atrozmente ultrajada, o teu ſoccorro
Contra a féra Excellencia humilde implora;
Se de peitos illuſtres gloria, e timbre
Foi ſempre proteger os deſvalidos,
Tu me vale em meus males, Tu caſtiga
D'um Genio inſultador a petulancia.
Além diſto preſumo, naõ ignoras,
Que o farfante Deaõ da Igreja de Elvas,
Eſquecido da ſua dignidade,
N'uma porta traveſſa, o bento Hyſſope,
Pela baixa liſonja perſuadido,
Vem, ſem brio, off'recer ao gordo Biſpo.
Daqui naſce a Concordia, que hoje reina,
Em deſprezo da tua Divindade;

Na mesma Igreja o Ocio, e a Preguiça,
De teu poder zombando, nella habitaõ.
Tu mesma, se o meu pranto te naõ móve,
Para credito teu, perturbar deves
Esta serena paz, que o Ocio nutre.
Tu pódes, se te agrada, a um só aceno,
No seio da familia mais conforme,
Diffenções semear, motins, e bandos,
Banhar no fraternal sangue innocente
O buido punhal; e n'um momento
A Terra confundir, e o Mar profundo:
Mil Fraudes, mil Ciladas, e mil Tramas,
Como Escravas fieis, promptas te servem;
Do Deaõ fascinado pois desperta
A innata presumpçaõ, o genio altivo.
Tu faze, que conheça o desar grande,
Em que cahido tem, e se arrependa
Do baixo incenso, que á Lisonja rende.
Tu lhe traze á memoria, que seu nome,
Seu nome illustre, na futura idade,
Dos Deões no catalogo, com mofa
De todos os vindouros será lido;
Sabendo-se, que a tanto abatimento
Seu spirito chegou; Tu furiosa
Os animos altera, e a paz desterra.»

Diffe : e o tyranno Nume respirando
Das entranhas um negro , e vivo fogo ,
Defta forte refponde : « Bem conheço ,
Oh nobre Senhoria , quanto devo
A teu foberbo influxo ; quantas vezes
Auxiliado tens minhas Cabalas.
Sei que , por teu refpeito , fe naõ falla ,
Na Terra , muita gente , as muitas mortes
De que authora tens fido. Naõ me efqueço
Do que devo aos amigos. Vai fegura ,
Que eu já parto a vingar tuas affrontas. »

Aqui , fobre um feroz Dragaõ montando ,
Rapidamente vôa : incendios , mortes ,
Sacrilegios , traições , roubos , ruinas
Vai deixando a Cruel , por onde paffa.
Chega dos Elvios á Colonia antiga ,
E vendo de paffage os Dominicos ,
Entre o Prior , e os frades mil difputas
Sobre o Chá , fobre o Jogo , e fobre os Doces ,
Que aos Tafues , com maõ larga , dá na cella ,
E fobre os traftes , que ás Senhoras manda ,
Tyrannamente excita : alguns gritavaõ
Que o Convento roubava , que a Claufura ,
E religiofa vida fe perdêra :
Outros , cheios de colera , gritavaõ ,

Que por jogar o Wifth, e dar merendas,
As rendas diffipava do Mofteiro;
Que por iffo, no fanto Refeitorio,
A Fome cruelmente os confumia.
Mas o fanto Prelado, todo cheio
De exemplar paciencia, e de modeftia,
Vociferar os deixa, — e vai jogando.

Entre tanto a Difcordia encara a porta
Do grande Prefidente do Cabido,
A tempo que eftirado, a perna solta,
Sobre um molle Sofá, dormia a fefta.
Roncava mui folgado, e cada ronco
A grande fala eftremecer fazia.
Alli, encarquilhando o feio rofto,
Um Rofario tomou, e na figura
Da velha, e carunchofa Ama fe torna:
Affim, a lentos paffos caminhando,
Ao Conego chegou; affim o acorda:

« Como em taõ doce paz affim repoufa,
Dórme, e defcanfa voffa Senhoria?
Ao mefmo paffo, que na Terra toda
Do feu nome fe faz ludibrio, e mofa?
Como (difcorrem uns), como é poffivel
Que o bom Capitular, que vio o Papa,

Que em Roma converſou com o Datario ,
E do ſacro Palacio com o Meſtre ,
Que joga o Trinta e um , e mais o Wiſth ,
Que Chá , e que Aſſemblea dá em Casa ,
A tanto abatimento hoje chegaſſe ,
Que á porta da commua o Hyſſope traga
Para off'rece-lo a um Biſpo de má morte ?
Outros dizem : — Parece couſa incrivel ,
Que a principal figura do Cabido ,
Que tem lôba de ſeda , e trouxe ás coſtas ,
Lá da famoſa Italia a Senhoria ,
Tanto de ſi ſe esqueça , e do ſeu cargo ? —
E Voſſa Senhoria , ao Ocio entregue ,
Dorme profundamente ? Acorde , acorde
Deſſe molle lethargo , que é já tempo :
Veja o que deve a ſi , aos ſeus Maiores ,
Á grande Dignidade , que , brilhando
Com ſeus rayos , o cerca mageſtoſa ;
E deixe a vil Liſonja , que o arraſtra. »

Aqui , os turvos olhos esfregando ,
O Deaõ abre a boca , eſtende os braços ,
A cabeça levanta , e deſta ſorte
Ao Monſtro enganador irado falla :
« Que frenezi é eſte , Velha tonta ?
Eſtá fóra de ſi ? ou bebeo vinho ,

Que o miolo lhe faz andar á roda ?
Reze nas ſuas contas. Quem a mette
Em couſas a fallar, que naõ lhe tocaõ ?
Vá-ſe logo d'aqui . . . » Neſtas palavras
Outra vez, ſobre o molle traveſſeiro
A pezada cabeça cahir deixa.

Entaõ a cruel Deoſa, ardendo em ira :
« Pois naõ queres de grado (lhe tornava)
Por teu brio acudir, a minha força
Agora provarás. » Iſto dizendo,
A furtada figura prompta deſpe,
As hydras arrepella da cabeça,
E cheia de furor, uma arrancando,
No ſeio do Deaõ, feroz a lança,
E ſubito pelo ar deſapparece.
Em tanto a cruel hydra a cauda ferra
Do Conego nas miſeras entranhas.
Em Delphos a famoſa Pythoniſſa,
Toda agitada d'um furor Divino,
Naõ geme taõ convulſa, taõ raivoſa,
Naõ corre, naõ retorce os vivos olhos,
(Naõ podendo ſoffrer a Divindade)
Como o pobre Deaõ do Sofá ſalta ;
Correndo furioſo toda a ſala,
« Armas, armas (bradava), guerra, guerra. »

A eſtas vozes acode diligente,
Da Casa toda a gente; e preſumindo,
Que algum grave accidente lhe roubára
De todo o pouco ſizo, pegaõ nelle,
E por força o leváraõ para a cama,
Onde a cru cachaçaõ, a murro ſeco,
Lhe fizeraõ ceſſar parte da raiva.

CANTO III.

Era dia de feſta, e na alta torre
Da grande Cathedral de vinte ſinos,
O grave Carrilhaõ, rompendo os ares,
Os freguezes chamava á grande Miſſa:
Quando ſua Excellencia vigilante,
Montando a gram Liteira, em que ſe via,
Com modeſtia exemplar, Venus pintada
Sobre hum globo de tenros Cupidinhos,
Qual ao mancebo Adonis, ou a Páris,
Na Idalia ſelva já ſe apreſentára,
Para a Sé lentamente ſe encaminha.

Tu, jocoſa Thalia, agora dize
Qual ſeu eſpanto foi, ſua *surpreſa*,
Quando á porta chegando coſtumada,
Nella o Deaõ naõ vio, naõ vio o Hyſſope.
Tanto foi da Diſcordia o féro influxo!
Caminhante, que vê ſubito raio,
Ante ſeus pés cahir, ferindo a terra,
Taõ ſuspenſo naõ fica, taõ confuſo,

Como o grave Prelado : a côr mudando ,
Um tempo immovel fica ; mas a raiva
Succedendo ao desmaio , entra efcumando
Na grande facriftia , e d'alli paffa
Para o Altar mór , aonde fe revefte ,
Onde , como cofuma , em contrabaixo ,
Sem faber o que diz , a Miffa canta.
Toda aquella manhãa uma fó bençaõ
Sobre o Povo naõ lança , antes confufo
Em profundo filencio a Casa torna ,
Onde logo a Concelho convocando
Toda a grande familia , affim lhe falla :

« Amigos , Companheiros , que o Deftino
Fez do meu mal , e bem participantes ,
O caso fabereis mais execrando ,
Que até hoje no mundo fe tem vifto.
O Deaõ . . . . » (E aqui dando um graõ foluço ,
Em pranto as negras faces todas banha)
Sufpenso um pouco fica , e logo torna :
« O foberbo Deaõ , que fempre attento
Ao meu alto decóro , o fanto Hyffope
Vinha trazer me á porta do Cabido ,
Hoje naõ fó deixou de vir render-me
(Ah ! que naõ fei , de nojo , como o conte !)
Efte obfequio devido ao real fangue ,

Que nas veias me pulſa heroicamente;
Mas, na ſua Cadeira empantufado,
Os Pſalmos entoava, em mim fitando
A carrancuda viſta: de tal ſorte,
Que moſtrava inſultar-me, com deſprezo.
A raiva, e o graõ furor, que a alma me occupaõ;
Me tem fóra de mim: naõ ſei que faça
Para vingar taõ grande, e atroz delicto.
Vós conſelho, vós artes, vós maneira
(Pois a vós tambem chega a grande affronta)
Me dai, para punir eſte atrevido. »

Diſſe: e um grande Lacaio da liteira,
Famoſo Rodomonte das tavernas,
A voz tomando a todos, deſta ſórte
Seu conſelho propoz: « Taõ grande caſo,
Senhor, ſe leva a páo: eu tenho um raio
De ſege, ha muito já exp'rimentado
Em funções ſimilhantes, eu com elle
De ſua Senhoria tal vingança
Hoje eſpero tomar, que de eſcarmento
A todos ſirva... » Aqui o grande Almeida,
Gentil-homem da Camera, e da Boca,
Homem de Gabinete, e de Conſelho,
Bom Poeta, Orador, *Petrus in cunctis*,
Que góza do Prelado a confidencia,

O difcurfo lhe atalha defte modo :
« Se efte horrendo , execravel attentado ,
Ao vê-lo , digno de que o sol brilhante ,
Os rubidos Cavallos afaftando ,
Correffe a mergulhar-fe eternamente
Nas voragens da noite mais efpeffa ,
Se houveffe de levar por força , e armas ,
Eu armas , coraçaõ , e forças tenho :
Mas violentos remedios só fe applicaõ
Em mal defefperado ; ifto fuppofto ,
Aftucia , e mais aftucia fe precisa ;
Que onde reina a Prudencia nada falta.
Voffa Excellencia conta no Cabido
A muitos parciaes , e lifongeiros ;
Eftes pois , fendo a Conclave chamados ,
Poderáõ fuftentar o feu partido ,
E obrigar que o Deaõ faça por força
O que fazer recufa voluntario. »
A eftas vozes , babando-fe de gofto ,
O Prelado exclamou : « Oh raro engenho !
Meu poder , minha força , e meu confelho ,
O teu voto me praz : fegui-lo quero.
Chamem-me logo logo o douto Andrade ,
O Graõ Penitenciario , o feco Marques ;
E o jantar fe prepare promptamente. »

Já na ſoberba meza cem Terrinas,
O vapor mais ſuave derramando,
A inſaciavel Gula provocavaõ,
Quando chegaõ ao cheiro os Convidados,
Que feitos os devidos cumprimentos,
Sem diſtincçaõ, em torno se aſſentáraõ.
Começaõ a chover logo os manjares,
Cem Perdizes, cem Pombos vem voando,
Cem eſpecies de môlhos, cem de aſſados,
Grandes Tortas, Timbales, paſteis, cremes,
Cóbrem com ſymetria a grande meſa:
A cabeça naõ falta de Vitella,
Nem do gordo animal a curta perna,
Cozida em branco leite, ou doce vinho.
Mil frutas, mil corbelhas, mil compotas
A terceira coberta logo adornaõ;
E em dourados criſtaes, oh louçaõ Baccho,
De tuas plantas brilha o roxo ſumo.
Entre tanto na porta do Palacio,
A cem pobres o Bicho da Coſinha,
Por ordem do Paſtor caritativo,
Um Caldeiraõ de caldo repartia.

Entre os cópos, que em tôrno ſempre giraõ,
Brevemente propoz o gordo Biſpo
Aos bons Capitulares ſeu projecto,

Que tódos approváraõ , e alli juraõ ,
Pelo doce licor , que impetuoſo
Pelas veias , e cérebro lhes corre ,
De o ſuſtentar — até darem as vidas
Por vê-lo felizmente executado.

Aſſim da lauta meſa entre as delicias
Largas horas paſſáraõ docemente ;
Em um queijo de Parma inda roia
A alegre Companhia , paſtejando ,
Quando das ſantas Veſperas , na torre ,
Fez ſinal , o relogio , deſcontente.
Ao triſte ſom do abhorrecido ſino
Se levantaõ em pé os Prebendados ,
E fazendo uma longa reverencia ,
Correm velozes , por fugir da multa ,
A ganhar no alto Coro os ſeus aſſentos :
Alli meſmo , primeiro que rezaſſem ,
A ſeus ſabios Collegas propuzéraõ ,
Que para reſolver certo negocio
De maior intereſſe ao grande Corpo ,
Preciſo vinha a ſer , que ao outro dia ,
Em que o Deaõ da Terra ſe auſentava ,
Se ajuntaſſe o Cabido. Na propoſta ,
Sem nenhum diſcrepar , todos concordaõ.
Engrolados os Pſalmos , para Caſa

Cada um ſe partio, em ſi penſando
Qual ſeria o negocio, que obrigava
O Cabido a chamar. Alguns julgavaõ,
Que a pia de agua benta ſe mudava:
Outros, cheios de goſto preſumiaõ,
Que para ſe vender mais caro o trigo,
Que no commum Celleiro ſe guardava,
Algum Celeſte arbitrio ſe encontrára.

Mas o famoſo Baſtos, d'outra ſórte
Comſigo diſcorria: « Certamente,
Para nos diſtinguir da baixa plebe
Dos vís Beneficiados, deſta feita
(E como ſe ufanava!) ſe nos manda,
Que de verde forremos as batinas;
E que Chapeo azul, com bordas brancas
Tragamos na cabeça. » Neſte ponto,
Em ſi proprio, de goſto naõ cabendo,
Pulava para o ar, batia as palmas.
Naõ de outra ſorte o miſero mendigo,
Que ſonha achar theſouros ſoterrados,
Se alégra, ſalta, e folga, e ſe imagina
Igual ao graõ Sophi da rica Persia,
Que o vaõ Capitular, que já ſe pinta
Na ſua extravagante fantaſia
A par do graõ Lamá, no fauſto, e pompa,

Ou do féro Muphti dos Musulmanos.

Cheio destas ideias entra em Casa,
E para dar seu voto na Assembléa
Com mais legalidade, pedir manda
Ao Rabula do Cêa alguns Authores,
Que os Canones sagrados commentáraõ.
O douto Accursio, todo satisfeito
De poder grangear um Prebendado,
Esperando medrar por esta via,
E vestir alguma hora a rôxa murça,
Digno premio das suas gordas letras,
Lhe envia ó Bertachino, o grande Granha,
Tamborino, Escolano, Spada, e Pichler;
Meninas de seus olhos, flor, e honra
Da rançosa, indigesta Livraria.
O bom Conego, vendo os grossos tomos,
De prazer em si proprio naõ cabia,
Julgando, pelo vulto dos volumes,
Que seria qualquer Author de arromba;
E sem demora ordena, que lhe tragaõ,
Para um vóto lançar, que similhante
Nas Decisões da Rota naõ se encontre,
Papel de Hollanda, penas, e tinteiro:
E para que completo em tudo fosse,
A Roda da Fortuna, e Cristaes d'alma

Trazer manda tambem, fazendo conta
De, em partes, lhe cirzir alguns pedaços,
Que encantado o deixáraõ, quando os lêra.
Isto ordenado, para a banca chega,
O lenço tira, o grosso monco assôa,
Tóma tabaco, escarra, os livros abre,
E a folhear começa; porém vendo
Que nada entende do que está escrito,
Para a Ceia se chega, e enchendo a pansa,
Se foi a repousar no brando leito.

Já a rosada Aurora, derramando,
Do candido regaço, sobre os prados,
Mil orvalhadas flores, despertava
Com a tremula luz de sete côres,
Os miseros mortaes a seus trabalhos;
Quando, na grande sala do Cabido,
Se ajuntaõ os zelosos Prebendados,
E tomando, por ordem, seus assentos,
Depois de hum breve espaço de silencio,
Se alçou o grande Abreu, com rosto grave,
E feita huma profunda reverencia,
Desta sórte fallou: « Cabido illustre,
Exemplar de Cabidos, e virtudes,
Bem sabe vossa illustre Senhoria,
Que goza felizmente a distincta honra

De ter por Chefe, por Paſtor, e Biſpo
Um ramo do Real Portuguez Tronco:
Tambem ſabe, que a gloria da cabeça
Aos mais membros ſe eſtende; e além diſto
Occulto lhe naõ é quanto ſe empenha
Em honrar ſua ſé eſte Prelado.
Tu, ſanta Quarentena, tu o dize;
Pois viſte a importantiſſima reforma,
Que em noſſas grandes Capas fez zeloſo
Eſte grande Prelado, naõ ſoffrendo,
De ſeus Capitulares em deſdouro,
Os antigos franjados alamares,
Que a moda já ridiculos tornára.
Deixo por ora de fazer memoria
D'outras grandes acções, em que ſeu zelo
Por nós, brilhar ſe vio: e ſó naõ poſſo
Em ſilencio paſſar aquella rara,
Grande, e quaſi real magnificencia,
Com que ſua Excellencia foi ſervido,
A muitos membros deſte grave Corpo,
Uns Capitães fazer, outros Tenentes,
Alguns Alféres, Ajudantes outros,
Eſte Major, Sargento, e Cabo aquelle,
Quando a Furia infernal da voraz Guerra,
Rompendo as portas do eſpantoſo Averno,
Desbocada ſahio, o ferro, e fogo

Nas garras ſacudindo ; e furioſa ,
Depois de ter corrido largo tempo ,
Com ſanguinoſa planta toda a Europa ,
Em Portugal entrou ameaçando ,
De um eſtrago fatal , noſſas Prebendas ;
Nem o raro valor , com que ſeguindo
De ſeus Avós as inclitas façanhas ,
Ao ſom da Caixa , e Pifaros , na frente
Da brava Eccleſiaſtica falange ,
Coronel General dignou chamar-ſe ;
Acçaõ , por certo , digna de ſer lida
Com letras de ouro , na Gazeta da Haya ,
Ou nas folhas volantes , que em Lisboa
Os Cégos apregoaõ pelas ruas.
Eſtas razões , Senhores , nos obrigaõ
A olhar , como propria , a honra ſua,
Ella ultrajada ſe acha indignamente
Pelo altivo Deaõ ; pois coſtumando
(Nós testemunhas ſomos , nós o vimos !)
Vir humilde eſperar o ſanto Aſperges
Á porta deſte Alcaçar , de repente ,
Mudando de ſyſtema , hoje refusa
Eſte obſequio render , eſte tributo ,
De taõ altas virtudes merecido :
Turbando injuſtamente em ſua poſſe
O grandioſo Prelado. Eſte deſpreſo ,

Esta pois taõ atroz, e negra injuria,
Que em menoscabo seu, nas nossas barbas,
Se fez ao seu caracter, nós devemos
Promptamente vingar. Sim, consultemos
Os Canones sagrados, e vejamos
A fórma, o módo. » Entaõ o Ramalhete,
Theólogo chapado, e Canonista,
Que o Dialectico Pharo de cór sabe,
Que de santo Thomaz tem lido a Summa,
O Gonet, Busembaum, Lacroix, Guimenio,
Que sabe decidir magistralmente
A famosa questaõ, — se um Burro póde
O Baptismo beber, ardendo em sede, —
Que argumenta nas Theses dos Capuchos,
E inchando do pescoço as cordoveias,
Infere, grita, prova, e nada colhe;
A voz alçando grave, e magestosa,
Nesta fórma votou: « Lavrar-se deve
Um terrivel Acordaõ, que de exemplo,
Da Historia nos annaes, a todos sirva:
O farfante Deaõ seja obrigado,
Delle em virtude, a desistir da força
Que ao bom Prelado faz na sua posse,
Fulminando-lhe multas, e outras penas.
Este Cabido tem authoridade
Para o fazer: em muito bons Authores

Aſſim o tenho lido : eſte é o meu voto. »
O Baſtos , neſte inſtante , homem verſado
Na liçaõ de Florinda , e Carlos Magno ,
Quiz metter ſeu bedelho ; mas Andrade ,
De ſeu diſcurſo naõ fazendo caſo ,
Do douto Magiſtral o voto apóia
Com mil textos que aponta a troxe moxe :
No Sexto , Decretaes , e Clementinas ,
Capitulos inteiros terminantes ,
Para prova-lo encontra ; e a outra turba ,
Que c'o queixo cahido os eſcutava ,
Arqueando , de paſmo , as ſobrancelhas ,
No que dizem os dous prompta concorda.
Em vaõ o Theſoureiro , em vaõ o Chantre ,
Homens auſtéros , que adular naõ ſabem ,
S'oppõem tres vezes aò ſiniſtro Acordaõ ;
Que à Liſonja aſtuciosa , que voando
Sobre ſuas cabeças , inviſivel ,
Os ſeus votos inſpira , faz que todos
A callar-ſe os obriguem , murmurando ;
E levados da força da torrente
Aſſignáraõ tambem o vaõ Decreto.

CANTO IV.

N'uma Caza de Campo, descuidado
Entre tanto, passava alegremente
O farfante Deaõ os longos dias
Em que Phebo insoffrido, unindo as furias
Ás que raivoso vibra o Caõ Celeste,
Abraza as calvas terras Transtaganas,
Quando o Monstro veloz, que por cem olhos
Todas as cousas vê, e as cousas todas
Por cem bocas, cem linguas palra, e conta,
Com cem azas fendendo os largos ares,
Aos ouvidos lhe leva a cruel nova
Do barbaro Decreto. Em paz serena
Entaõ jogando sua Senhoria
Ganhava um real rober: mas apenas
As orelhas lhe fere o infausto aviso,
Quando subitamente lhe cahiraõ
Das maõs as Cartas. Pallido, e suspenso
Largo espaço ficou. — Naõ de outra sórte
Immovel fica, que o mancebo ardido,
Que seguindo no Campo, com seus galgos,

O fugaz animal, ſubitamente,
Ante os pés do Cavallo, vê a terra
Em profundos abyſmos deſpenhar-ſe.
Mas das potencias recobrando o uſo,
Que o ſubito deſgoſto lhe embargára,
Eſcumando de raiva, entre ſi diſſe:
« Pois naõ querem a paz, haverá guerra.
Vós, ſantos Ceos, e Tu, Aſtro brilhante,
Que o dia trazes, e que o dia levas,
E que eu naſcer naõ vejo ha longos annos,
Vós teſtemunhas ſois, ſe eu pertendia
Mais, que em paz desfructar minha Prebenda,
Comer, jogar, dormir, e divertir-me.
Mas já que tu, oh Biſpo revoltoſo,
E teu infame, adulador Cabido
A mudar me obrigais com vís Cabalas
De taõ ſanto propoſito, — até onde
Chega dos Laras o valor, e o brio
Deſta vez provareis. » Iſto dizendo,
Levanta-ſe furioſo; e ſem reſpeito
Ao real Rober, que ganhado tinha.
(Tanto póde a paixaõ no peito humano!)
Aſſim meſmo, e ſem ver quanto indecente
Foi ſempre á Senhoria andar á pata,
Ao caminho ſe pôz, aos ilhaes dando,
Suando, e merencorio entrou em Caſa.

Alli, ſem ſocegar, ora paſſeia
Pela comprida Sala, ora ſe aſſenta,
Ora comſigo falla. Em vaõ a meſa
Os Criados lhe põem; em vaõ os gordos,
E tenros Perdigotos, a ſalada,
A fruta, o vinho, os doces o convidaõ:
Que, ſem ceia, eſta noite foi deitar-ſe.
Alli a molle pluma ſe lhe torna
Em duro campo de cruel batalha.
Mil cuidados o inveſtem, ſeu decóro
Atrozmente offendido, a todo o inſtante,
Á memoria lhe vem: ora d'um lado
Os laſſos membros vólve, ora do outro:
Suspira, tóſſe, eſcarra, e abrindo a Caixa
Toma o inſulso rapé, e naõ ſocega.

A triſte Senhoria, que chorando
A deshonra commum, aos pés do leito,
Companhia lhe faz, compadecida
Do ſeu deſaſocego, veloz parte
A trazer-lhe um pezado, e doce ſomno.
Entre as rochas do Bosforo Cimmerio
Uma gruta ſe vê, onde naõ entra
Jámais a luz do Sol, ſombria alcôva,
Onde, em triſte lethargo ſubmergido,
Repouſa o Deos do ſomno, coroado

De brancas preguiçosas dormideiras :
Em torno ao torpe alvergue naõ se escuta
Com seu canto chamar o esperto Gallo
Da Aurora a clara luz ; nem na alta noite
Ladrar raivosos caẽs ; mas só murmura
Um placido ribeiro , que respira ,
Com o surdo rumor , paz , e descanso.
Outros menores somnos , fertil próle
Do indolente Morpheo , alli assistem.
Tanta espiga naõ doura a fertil Ceres
No caloroso Estio , tantas flores ,
Na fresca Primavéra , pelos prados
Fecunda naõ produz a Madre Terra ,
Quantos alli se vem , todos diversos
De genios , de costumes , e de figuras ;
Uns de lugubre aspecto , outros de ledo ,
Muitos pezados saõ , muitos saõ leves ;
Estes , entre vaõs sonhos , de contino
Pela escura Caverna andaõ voando :
Os olhos tem cerrados , e dormindo ,
De mil hervas lethargicas o succo
Expremem d'entre as maõs ; calladamente
Aqui se chega a triste Senhoria ,
E um delles , pelas azas agarrando ,
A Casa do Deaõ , comsigo o leva ,
Que urrando de desgosto , naõ dormia ;

Mas mal o lumiar tocaõ da pórta ,
Quando o humor fomnolento derramando ,
Do fomno pelas maõs , aos olhos chega
Do defperto Deaõ , que logo os cerra ,
E a refonar começa docemente.

Entaõ o Genio em fonhos lhe apparece ,
E fallando com elle affim dizia :
» Que é ifto , illuftre Lara ! Affim defmaia
Teu forte coraçaõ ! Como é poffivel ,
Que quem pôde foffrer o grave afpeito ,
Em Roma , das maiores Perfonagens ,
Sem fufto , fem temor , hoje efmoreça ,
Perca toda a conftancia , trema , e géle ,
Só á vãa ameaça d'um Cabido ,
A quem faltou em ti alma , e cabeça ?
Animo pois , valor , e fegurança ,
Que o Campo cederáõ os inimigos.
Nefta Cidade tens difcretas pennas ,
Tens de Serpa o Auditor , que o velho Accurfio ,
E Bartholo o famofo fó defpreza ,
Porque idolatras foraõ , e adoráraõ
A Jove , Marte , e Juno , divindades
A quem aras ergueo o Paganifmo.
O Cea tens tambem , tens o Fernandes ,
Oraculos de Aftrea , que feu dente

Em Canones tambem mettem oufados ;
Eſtes confulta , e ſegue os ſeus dictames ,
Para o orgulho abater de teus contrarios. »

« E tu , quem és , Eſpirito Celeſte ,
(O Deaõ encantado , lhe pergunta ,
Da graça , que no roſto lhe ſcintilla)
Que a conſolar-me vens nos meus trabalhos ! »
« Eu ſou (Ella lhe torna) a Senhoria ,
A quem , com tanto extremo , tu adoras. »
A eſtas vozes , da Cama ſalta fóra ,
Por terra ſe lhe proſtra , e bate os peitos ;
De goſto doces lagrimas derrama ;
Beijar-lhe quiz os pés ; mas neſte inſtante ,
Ella deſapparece , e elle acorda.

Já o ſol , eſmaltando com ſeus raios
A alegre terra , entrava ás furtadélas ,
Das cerradas janellas pelas fiſgas ,
E as importunas moſcas começavaõ ,
Com ſeu lento ſuſurro , e com os curtos
Aguilhões , que nas caras lhes cravavaõ ,
Os poltrões a acordar , que inda dormiaõ ;
Quando o noſſo Deaõ , todo engolfado
Na Celeſte viſaõ , ſe veſte alegre ,
As meias *gris de fer* , e mais as luvas ,

A Casaca de seda, e mais a Capa,
Em final de prazer, preparar manda,
O Crescente penteia, e todo guapo,
E do pó sacudido, sahe de Caza.

Ha d'Elvas na Cidade um Escritorio,
Onde assiste a Trapaça, e o Pedantismo.
Alli os feios monstros consultados,
Do gritador Fernandes pela bocca,
Suas respostas daõ á rude plebe.
Aqui o Reverendo Prebendado
Seus passos encaminha, e aqui chega,
A tempo, que de Chambre, o novo Cayo
A um rude Camponez, que o consultava,
D'uma fraca jumenta sobre o escãibo
Com outro seu visinho, respondia:
Mil livros tem abertos, e mil textos
Em latim, *ad formalia*, lhe repete.
Mas se o rustico delles nada entende,
O Doutor muito menos entendia:
» O seu caso (lhe diz) proprio, escarrado
Neste livro aqui temos, vá seguro,
Que, a seu favor, terá final sentença. »
Neste momento sua Senhoria
Á porta chega, e o graõ Consulto, ao ve-lo,
Logo o rustico deixa, e vai busca-lo.

Á parte se retiraõ : e no caso ,
Que o Deaõ lhe propõe , ambos conferem.
Aqui a Livraria vem abaixo ;
De poeira huma nuvem se levanta ,
Que sahe dos velhos , e traçados livros :
Em vaõ sacode os punhos , e a Casaca
O bom Deaõ ; que quanto mais sacóde ,
Mais poeira dos livros vem cahindo.
Lé , e relê o graõ Jurisconsulto ,
E depois consid'rando , assim conclue ;
» Á Metrópole vossa Senhoria
Deve logo appellar. Isto me ensinaõ
Os Doutores , Senhor , que tenho lido. »
- Inda assim (replicou o fôfo Lara)
Veja vossa mercê sempre o que dizem
No ponto Van-Espen , Dupin , Bartholio.
Estes livros louvar , e seus Authores
N'uma douta Assembléa tenho ouvido. -
» Que Van-Espen , Dupin , ou que Demonio ?
(Disse o Consulto entaõ escandecido)
Esses nomes jámais , esses escritos ,
Nem ouvi repetir , nem meu Peculio
Com elles uma voz allége , e prova :
Sem duvida seráõ d'alguns Hereges.
Aqui temos o bom Panormitano ,
Em grande lettra Gothica , os Fagnanos ,

Valenças, Belarminos, Anacletos:
Eſtes ſim, que ſaõ livros de mancheia;
E naõ eſſes Authores eſtrangeiros,
Que com ſua doutrina a Igreja empeſtaõ:
O que lhe digo, faça. Appelle, appelle;
E deixe-ſe do mais, que é parvoice.
Advirto-lhe tambem, que naõ ſe eſqueça
De pedir os Apostolos; e ſejaõ
Os reverenciaes, por que ſuſpendaõ
Do malevolo Acordaõ os effeitos;
E naõ uma ſó vez, mas muitas vezes,
Com mais, e mais inſtancia, inſtantemente. »
- Iſſo (diz o Deaõ) é eſcuſado;
Eu conſervo, entre varias baforinhas
De Agnus Dei, de Veronicas, de Breves,
Que trouxe lá de Roma, e ao deſpedir-me,
Me deo o Paſſionei, uma Cabeça
Do glorioſo Saõ Pedro, couſa rara!
Obra de inſigne Meſtre. Talvez eſte,
Como Principe foi do Apoſtolado,
Baſte no noſſo caſo, a ſerem nelle
Os ſagrados Apoſtolos preciſos.
Veja, Doutor, ſe tem iſto caminho,
Por poupar-me a vergonha de pedi-los.

» Naõ ſaõ eſſes, (ſorrindo-ſe lhe torna)

Mas outros, os Apoſtolos, que digo,
E que preciſos saõ no noſſo caſo.
Eſta fraſe, Senhor, entre os Praxiſtas,
Tem diverſo ſentido, e ſignifica
O como a Appellaçaõ deve expedir-ſe.
A alguns deſtes modernos tenho ouvido
Que fôra no Romano Foro uſada,
E nelle os Canoniſtas a peſcáraõ;
Eu porém deſte achado, e d'outros muitos
De que elles ſe preſumem os Authores,
Do bom Phebo, bom Mendes, e bom Pegas,
(A luz, e nome dos que o Foro cruzaõ)
Com punivel deſpejo motejando,
Cá para mim me rio: pois naõ acho
Em meu Peculio ſimilhante nota.
Faça pois, ſem demóra, o que lhe digo,
Que outra eſtrada naõ tem, por onde poſſa
Do Acordaõ eſcapar á ſem-juſtiça. »

Corrido, e aconſelhado ao meſmo tempo,
Do Doutor o Deaõ ſe deſpedia;
Quando o Conſulto dando uma palmada
N'um livro, que na banca eſtava aberto:
» Eſpere (lhe gritou) que neſte inſtante
Uma couſa me lembra de ſubſtancia.
De Juizes venaes, e corrompidos

Tudo eſperar ſe deve, e deve tudo
Com tempo prevenir o que é prudente.
E como os ſeus, Senhor, saõ deſſe pórte,
Se deve recear, que levemente
A ſua appellaçaõ poſſaõ negar-lhe;
Aſſim, por evitar longas ambages,
Que dinheiro, paciencia, e tempo gaſtaõ;
Será melhor, que Voſſa Senhoria
Appelle logo, — *coram probo viro.* »
— E que querem dizer, Doutor amigo,
Eſſas palavras, — *coram probo viro?*
Que eu do latim eſtou quaſi eſquecido.
Sem embargo de que (dizia o Lara)
Quando fui Eſtudante, era eu uma Aguia
(Naõ o digo, Doutor, por fanfarrice;
Que eu de bazofia nunca tive nada)
Em declinar veloz nominativos:
E na Claſſe o tropheo levei mil vezes.
Por final, que de téla boas fitas
O Meſtre me rapou, que era um alambre.
Mas voaõ, voaõ os ligeiros annos,
E daninhos comſigo tudo levaõ,
Os goſtos, a ſaude, e a memoria;
E qualquer rapazinho agora póde
Rachar-me com quináos afoutamente. —
» Querem dizer, que Voſſa Senhoria

(O Fernandes lhe volta) appellar deve
Perante algum Varaõ , que em dignidade
Conſtituido ſeja ; *verbi-gratia* ,
O Guardiaõ dos Capuchos , dos Pauliſtas
O Reitor , o Prior dos Dominicos ;
Eſte foi efficaz , prompto remedio ,
Que os famoſos letrados Palma , Decio ,
Bartholo , Caſtro , e Baldo deſcobriraõ
Contra injuſtos Juizes , que denegaõ
A juſta appellaçaõ aos Litigantes.
Eſta lembrança minha ; (naõ entenda
Que por gabar-me o digo , os meus eſtudos
Aſſaz notorios ſaõ neſta Cidade)
Nove vezes (naõ trato por agora
Do Author da Arte legal , nem do Perfeito
Advogado , ou do Flavienſe Gomes ,
Por ſerem todos tres de menos polpa) ,
Tenho lido , e cotado em mil lugares
O grande Portuguez Cabral , Vanguerve ,
E o famoſo Bremeu , de cujo livro
Faz logo ver o Titulo a grandeza.
O meſmo digo do moderno Campos ;
Sem que o noſſo Ferreira me eſcapaſſe ,
Authores todos de maior chorume ,
Que eſſes ſeus Zalweins , que os ſeus Barthelios.
Eſta lembrança pois a dizer torno

Nem todos a teriaõ ; naõ o Cea ,
Naõ o Doutor Caetano , e a récua toda
Dos novos letradinhos á franceza ,
Que ſem tregoa as orelhas nos martélaõ
Naõ ſei com que Noodts , nem com que Strachios ,
E outros galantes nomes taes como eſtes ,
Que na boca naõ cabem , nem a lingua
Póde , bem que ſe afane , pronuncia-los ;
Mouriſcos devem ſer , ou eu me engano ,
Que Chriſtaõs nunca uſáraõ de taes nomes.
Vá pois , Senhor Deaõ , e ſem receio
A ſua appellaçaõ prompto interponha ,
Que aos Juizes depois intimar deve ,
Se quer das multas eſcapar ao raio ,
Que o terrivel Acordaõ lhe fulmina.
Naõ durma ſobre o caſo , nem deſcanſe :
Que , ſegundo a vulgar regra em Direito ,
— O Direito aos que dormem naõ ſoccorre. —
« Eſſa régra , Doutor , é o Diabo.
Merecia o que a fez as maõs cortadas.
(O Deaõ aſſuſtado repetia)
Viſto iſſo , por amor deſta demanda
Hei de eu perder a paz , e o meu ſocego ,
Naõ dormir , vigilar continuamente ?
Oh ditoſo Arganaz , e tu , Marmota ,
Que ſem demandas ter , nem ter cuidados ,

Paſſais dormindo quaſi o anno inteiro !
Oh quanto mais feliz é voſſa ſorte ,
Que a noſſa , triſtes homens ! Pois ſe acaſo
Queremos defender noſſo Direito ,
O Direito nos deixa , ſe dormimos !
Meu Doutor , ſe eſſa regra é verdadeira ,
Fique o malvado Acordaõ ſubſiſtindo ,
Chovaõ embora ſobre mim as multas ,
O veſtido de ſeda , a lôba , a murça ,
Pela agua abaixo vá , tudo ſe perca ,
Com tanto que eu naõ perca um ſó inſtante
Dos meus ſuaves , regalados ſomnos.

Aqui , com branda voz , o bom Fernandes
Ao afflicto Deaõ aſſim conſola :
« Senhor , os textos tanto ao pé da letra
Se naõ haõ de entender , como imagina ;
Naõ é da mente pois do graõ Conſulto ,
Que eſta regra dictou prudentemente ,
Que naõ devaõ dormir os pleiteantes ,
Que iſſo ſeria deſmarcada aſneira ;
Sua tençaõ ſómente foi lembrar-nos ,
Que quem litigios tem , e quer vence-los ,
Deve tudo attentar , e ſer eſperto. »

» Iſſo agora , cobrando novo alento

(Diz o Deaõ farfante) é outra coufa.
Por efperto, naõ tenha, Doutor, medo,
Que me haja de vencer o gordo Bifpo;
Que aqui, onde me vê, fou graõ lavérco:
Muitas vezes no Wifth, eftando a nove,
Na fegunda partida, os meus Contrarios,
De taes artes me valho, taes maranhas,
Que naõ tendo mais que um, lhes ganho o rober. »
Ifto dizendo, e feita uma Zumbaia,
Do Doutor Bartolifta fe defpede:
E mais ligeiro, que um ligeiro Galgo
Para Cafa direito o fio toma,
Onde, fem fe defpir, manda lhe tragaõ
Preftemente a comida, e preftemente
Engóle penfativo alguns bocados;
E na mefma Cadeira, fem deitar-fe,
Umas vezes dormindo, outras penfando,
Por algum tempo recoftado fica.

CANTO V.

Ainda o chilo bem naõ tinha feito
O farfante Deaõ , quando , lembrado
Do — *coram probo viro* — do Fernandes ,
Abre a Caixa , e tomando uma pitada
De mofofo tabaco , affim dizia :
» Que inercia é efta ? Que preguiça , oh Lara ;
Que os membros , e fentidos te adormenta ,
Quando por inimigos tens em Campo
O gordo Bifpo , o Abreu , o Ramalhete ,
Velhacos todos da primeira plana ?
Álerta , Lara , pois ; álerta , álerta ;
Que o direito aos que dormem naõ foccorre;
E cumpre aos litigantes fer efpertos. »

Ifto dizendo , o corpo inteiriçava ,
E abrindo a boca , e os olhos esfregando ;
A modorra facode , em que jazia :
Entaõ dando um paffeio , ao efpelho chega ,
E o fuado crefcente endireitando ,
Sem attender ao fino , que o chamava ,

A Vefperas tocando, nem á multa,
Que a bolfa lhe ameaça, fahe de Cafa,
E por baixo da calma, com que affava
Sirio, ladrando, a fequiofa terra,
Aos Capuchos de trote fe encaminha.
Sobre uma agra montanha, que fe eftende
Em pequena diftancia dos foberbos
Guerreiros muros da trimphante Elvas,
O celebre Convento fe levanta.
Aqui, da molle Inercia no regaço,
Das aufteras fadigas defcanfando,
Da Provincia fe vê, cem Padres Graves
Ex-Guardioēs, Ex-Porteiros, Ex-Leitores,
Ex-Provinciaes, e alguns deftes famofos
Pelas artes fubtís, pela ardileza,
Com que forçado tem o Sp'rito Santo,
Nos rixofos Capitulos, mil vezes,
Os votos a feguir do feu partido.
D'eftes tambem no meio, alli fe encontraõ
Do gordo badulaque Ex-Cozinheiros,
Na famofa Cozinha, entre as tifnadas
Certãs fuliginofas, e marmitas,
Com grande gloria fua jubilados.
Aqui, fuando pois como um Cavallo,
Chega o Deaõ a tempo que o Porteiro
A porta da Claufura prompto abria;

E vendo do Deaõ a gram fadiga,
Desta sorte lhe diz sobresaltado:
» Que é isto, meu Senhor? Que estranho caso
Aconteceo a Vossa Senhoria,
Que por baixo da calma taõ intensa,
A nossa Casa o traz taõ afrontado?
Matou acaso algum dos seus Collegas?
Roubou a Sacristia? ou do Diabo
Tentado, violou alguma Virgem,
E asilo vem buscar na nossa Igreja? »

— Nenhum desses desastres, Deos louvado,
Me succedeo; (o Lara lhe replica)
Ao Padre Guardiaõ sómente quero
N'um negocio fallar, se for possivel. —
» Inda bem; pois cuidei que era outra cousa;
(Lhe torna o bom Porteiro) e de assustado
Fiquei sem sangue em quasi todo o corpo.

O Padre Guardiaõ, antes das cinco,
Naõ costuma da sesta levantar-se;
Mas, por servir a Vossa Senhoria,
A desperta-lo vou; no em tanto póde
Lá na Cerca esperar, tomando o fresco. »
Isto dizendo, ao Dormitorio sobe;
E o Deaõ, caminhando para a Cerca,

Com outro Reverendo , acaſo topa ,
De gram barriga , de cachaço gordo ,
Que attento o comprimenta , e acompanha.
Quiz entaõ a Fortuna , que eſte foſſe
Um dos Padres mais graves da Provincia ,
Ex-Guardiaõ , Ex-Leitor , e Jubilado ,
De todos o mais douto , excepto o Arronches ,
Pregador de gram fama na Cidade.
O bom Lara , que havia longo tempo ,
Que neſta ſanta Caſa naõ entrava ,
Aturdido ficou , quando a ſeus olhos ,
Na Cerca entrando , juntos ſe lhe off'recem
As areadas ruas , as Eſtatuas ,
Os Buxos , os Craveiros , as Latadas
De mil flores cobertas , e que em torno
O virente jardim adereçavaõ ;
E naõ bem quatro paſſos tinha dado ,
Quando , fitando curioſo a lente
Na eſtatua , que primeiro alli ſe encontra ,
Pergunta ao Jubilado : « Quem é eſte
Monſieur Pariz ? ſegundo diz a letra ,
Que por baixo , na baſe , tem aberta :
Se ſe houver de julgar pela apparencia ,
O nome , a catadura , o penteado
Dizendo-nos eſtaõ que eſte bilhoſtre
Foi Francez , e talvez Cabelleireiro ,

Inventor do topete, que o enfeita. »
— Páris, e naõ Pariz, diz o letreiro,
(Circunspecto lhe volve o Padre Mestre)
Nem Francez, como crê, Cabelleireiro,
A personagem foi, que representa;
Mas em Troya nasceo de estirpe regia. —
« Pois se Francez naõ foi, (replica o Lara)
Como Monsieur lhe chamaõ? » C'um sorriso
Lhe torna o Padre Mestre: « Naõ se admire
Que isto está succedendo a cada passo:
Ao pé de cada canto, hoje, sem pejo,
Se trataõ de Monsieurs os Portuguezes.
Isto, Senhor, é moda, e como é moda,
A quizemos seguir; e sobre tudo
Mostrar ao mundo, que Francez sabemos. »

» De tanto peso pois (lhe volve o Lara)
É, Padre Jubilado, por ventura,
O saber o Francez, que d'isso alarde
Fazer quizessem vossas Reverencias?
Por açaso, sem esse sacramento,
Naõ podiaõ salvar-se, e serem sabios?
Pois aqui em segredo lhe descubro,
Que o Francez, para mim, o mesmo monta,
Que a lingua dos Salvagens Boticudos. »
— Naõ diga, Senhor, tal; que neste tempo,

Oh Tempos , oh Coſtumes ! (diz o Padre)
O saber o Francez é ſaber tudo.
É paſmar ! ver , Senhor , como um Paſcazio ,
De Francez com dous dedos ſe abalança ,
Perante os homens doutos , e ſizudos ,
A fallar nas ſciencias mais profundas ,
Sem que lhe eſcape a Santa Theologia ,
Alta ſciencia , aos Clauſtros reſervada ,
Que tanto fez ſuar ao grande Scoto ,
Aos Baconios , aos Lelios , e a mim proprio !
Deſta audacia , Senhor , deſte deſcoco ,
Que entre nós , ſem limite , vai lavrando ,
Quem mais ſente as terriveis conſequencias ,
É a noſſa Portuguez , caſta linguagem ,
Que em tantas traducções anda envaſada
(Traducções , que merecem ſer queimadas !)
Em mil termos , e fraſes Gallicanas !
Ah ! ſe as marmoreas Campas levantando ,
Sahiſſem dos Sepulchros , onde jazem
Suas honradas cinzas , os Antigos
Luſitanos Varões , que com a penna ,
Ou com a eſpada , e lança , a Patria ornáraõ ,
Os novos idiotiſmos eſcutando ,
A meſclada dicçaõ , baſtardos termos ,
Com que enfeitar intentaõ ſeus eſcritos
Eſtes novos , ridiculos Authores ;

Como ſe a bella , e fertil lingua noſſa ,
Primogenita filha da Latina ,
Preciſaſſe de eſtranhos atavios ,
Subito , certamente ! penſariaõ ,
Que nos ſertões eſtavaõ de Caconda ,
Quilimane , Sofala , ou Moçambique ;
Até que já por fim deſenganados ,
Que eraõ em Portugal , que os Portuguezes
Eraõ tambem , os que coſtumes , lingua ,
Por taõ eſtranhos modos , afrontáraõ ,
Segunda vez de pejo morreriaõ.

Mas elles tem deſculpa ; a negra fome
Os miſeros mortaes a mais obriga :
Sem ſaber o que eſcrevem , eſcrevendo ,
Buſcaõ della o remedio , e como lograõ
Os fins dos ſeus intentos , o que eſcrevem ,
Seja ou naõ Portuguez , iſſo que monta ?
Quem deſculpa naõ tem , nem a merece ,
É quem vedar-lho deve , e naõ lho veda.
Mas por ora deixemos eſtas couſas ,
Que o mundo corrigir a nós naõ toca.
Eſte (como dizia) foi Troyano ,
E nos Campos que o Phrygio Xantho corta ,
Guardando em doce paz o ſeu rebanho ,
Eleito foi Juiz do grande pleito ,

Que Juno, e Pallas, entre si, com Venus,
Sobre a belleza, um tempo sustentáraõ.
No qual naõ sei porém, se com justiça,
Deo a favor de Venus a sentença,
Entregando-lhe o rico pomo de ouro,
Que a Discordia lançára n'um banquete. —
» Já nesse pleito ouvi, (se bem me lembro)
E no pomo fallar : (lhe volve o Lara)
Mas o tal Monsieur Páris foi um asno ;
(Perdoe a sua ausencia) se na causa
De ser Juiz á sorte me coubéra,
Daria mal, ou bem a minha sentença,
Conforme o meu bestunto me ajudasse,
Sem em nada gravar a Consciencia :
Mas a maçãa havia de eu papa-la,
Pelas custas, por certo ; e quando muito,
Daria á Vencedora, della as cascas.

Mas, diga-me, meu Padre Jubilado,
Se gado apascentou esse Marmanjo,
Como de Cortezaõ esta vestido,
De Cabello, de bolsa, e penteado ? »
— Essa é boa (replica o Reverendo)
Pois parece-lhe a Vossa Senhoria
Que lhe bastava o seco tratamento
De Monsieur, que lhe démos, e um Cajado,

Um intonſo cabello, uma ſamarra? —
» Eſſa razaõ me quadra (diz o Lara.)
E eſta Madama Helena, (continua)
Que delle eſtá defronte, por ventura
É Troyana tambem, ou é Franceza,
Como do penteado moſtra o goſto? »
— Naõ foi, Senhor, Franceza, nem Troyana;
(Reſponde o Padre Meſtre) d'alto ſangue,
Em a Grecia, naſceo; e no ſeu throno
Eſparta um tempo á vio: mas Sceptro, e Eſpoſo,
A Patria, a Fama, a Gloria d'alta eſtirpe,
Tudo deixou por Páris. — Pois que! o Eſpoſo,
A chara Patria, o Sceptro, a Fama, a Gloria,
Tudo deixou, por eſſe barbas-d'alho!
Valente marafona foi por certo
A tal Madama Helena! E quem foi eſta?
Diz a letra Madama Pena-Lopes,
(Proſeguia o Deaõ) talvez ſeria
Taõ boa, como eſſoutra? » — Eſſa (reſponde
O douto Jubilado) é d'outra laia.
A famoſa Penelope foi eſta,
Do Conjugal amor, da fé jurada,
Do ſagrado Hymeneo nas caſtas aras,
Um perfeito exemplar, grande Matrona,
Boa Mãi-de-familias, e eſtremada,
Entre as mais do ſeu tempo, Tecedeira.

N'uma tea gaſtou mais de dez annos . . . —
» Que me diz , Padre Meſtre ? Eſtá zombando !
(O Deaõ aturdido lhe replica)
Em urdir e tramar uma ſó tea
Dez annos conſumia a tal Madama ;
E diz-me que foi grande Tecedeira ?
A minha Ama . . . e mais é uma Zompeira ,
N'outro tanto naõ gaſta nove mezes :
E com tudo , naõ paſſa , entre as peritas ,
Por grande ſabichona neſte officio. »
— Niſſo meſmo é que eſteve a habilidade ,
(O Padre lhe tornou) pois que de noite
O que de dia obrava , deſmanchava. —
» Peior ! (diz o Deaõ) iſſo é o meſmo ,
Que para traz andar , qual Caranguejo.
Jurarei em cem pares de Evangelhos
Que eſſa mulher perdido tinha o ſizo. »
— Perdido o ſizo ! Que galante couſa !
(O Padre lhe tornou) antes no mundo
Nunca mulher ſe vio taõ atinada ,
E digna de paſſar á Eternidade ,
Sobre as azas da poſthuma memoria.
Foi prudencia , Senhor , o que loucúra
A ſua fantaſia lhe figura.
Pois ſe aſſim praticava , era ſómente
Por enganar (em quanto o caro eſpoſo

Da prolongada auſencia naõ volvia)
Canſados rogos de importunos Procos,
Que aſpiravaõ do ſeu conſorcio á gloria.
Arachne, que Minerva vingativa
Em aranha tornou, por arrojar-ſe
A competir com ella, certamente
Lhe naõ levára no tecer a palma. —

» Como é iſſo? (o Deaõ diz aſſuſtado)
Pois, ſalvo tal lugar, um homem póde
(Iſto fallando todo ſe perſigna)
Ou póde uma mulher, em feio bicho,
Ou animal quadrupede mudar-ſe? »
— Iſto fabulas ſaõ, com que os antigos
Quizeraõ explicar aos ſeus vindouros
De muitos animaes a induſtria, e a arte;
E alem diſſo enſinar, que ás Divindades
Se deve ter um grande acatamento.
Mas, que acontecer poſſa, quem duvida?
(Dizia gravemente o douto Padre)
Naõ fallo agora das antigas Lamias,
Que inteiros engoliaõ os meninos,
De Circe, de Medea, nem de Alcina,
Ou da velha Canidia, de quem conta
O bebado de Horacio as nigromancias.
Todos ſabem, que todas eſtas Bruxas,

Em offudos Leões, manchados Tigres,
Em ardidos Ginetes, negros Urfos,
Ou em Toupeiras vis, vis Musaranhos,
A feu fabor, os homens convertiaõ.
Além d'iffo, Apuleio nos informa,
Que por malicia d'uma certa Fotis,
Em afno, n'um inftante, fe formára;
E como afno paffára mil trabalhos.
Naõ tem ouvido Voffa Senhoria
Ruidofos Cães uivar, lá na alta noite?
Pois que querem dizer aquelles uivos,
Senaõ, que anda no bairro Lobif-homem,
Ou homem, por fadario, tranfmudado
Em jumento orelhudo, ou em fendeiro? —

» Santo Breve da marca! (aqui exclama
O farfante Deaõ de temor cheio)
E logo profeguio. » Se minha eftrella
Ordenado me tem, que por encantos
De alguma feiticeira, ou Nigromante
Em fero bruto eu haja de mudar-me,
Praza a vós, fantos Ceos! ao Fado praza,
Que, antes do que em fendeiro lazarento,
Em briofo Cavallo, elles me mudem:
Pois affim poderei, inda algum dia,
A forte vir a ter de fer Pai d'Egoas.

Que bons Potros darei da minha raça !
Mas , ſe muito julgais o que vos peço ,
Ao menos concedei-me , que em Fuinha ,
Ou matreira Rapoza me tranſtornem ;
Só para do Biſpo ir ao Gallinheiro ,
De quantas Aves tem a dar-lhe cabo.

Socegado o Deaõ do ſeu eſpanto ,
Ao bom Padre pergunta : « E quem é eſte
Circunſpecto Monſieur , que cá ſe enxerga ? »
— Eſſe que ahi eſtá , nem mais , nem menos ,
É o facundo decantado Ulyſſes ,
De Madama Penelope marido :
De todos quantos Gregos aportáraõ
Da Neptunina Troya ás curvas praias ,
O mais prudente foi , excepto o velho
Neſtor , que vio dos homens tres idades.
Eſte , depois que a cinzas reduzido
Foi o fero Illion , por ſuas traças ,
E da altiva Cidade ſó ficára
O Campo , em que imperioſa antes eſtava ,
Voltando á Patria amada , carregado
De altos deſpojos da immortal victoria ,
De Neptuno ſoffreo a cruel ſanha ,
E dos ventos , e vagas açoutado ,
Undivago correo por longos mares ,

Vendo de muitas gentes as Cidades ,
As varias artes , os coftumes varios ,
Até que levantou , na foz do Tejo ,
A Rainha do mar , Lisboa invicta. —
» Oh grande Fundador da minha Patria ,
(Aqui brada o Deaõ) fe maõs tiveras ,
E fe pernas , e pés te naõ faltáraõ ,
Os pés , e maõs humilde te beijára ;
Mas fe manco , e maneta aqui te vejo ,
E á franceza veftido , a mal naõ hajas
Que á franceza te beije a fria face. »
Diffe : e ao collo furiofo fe lhe lança ,
E na face tres beijos lhe pefpega.
Paffado efte pequeno entufiafmo ,
O Lara profeguia : » E aquell' outro ,
Que do Jardim no meio fe impertiga
Com cara de Ferreiro , é por acafo
O grande Ferrabraz de Alexandria ?
Ou Galafre da ponte de Mantible ?
— Effe (refponde o Padre) foi Alcides ,
Cujo tremendo braço , cujos feitos
Ha de , por certo , Voffa Senhoria
Ter ouvido exalçar difcretamente ,
Em feus fermões , ao noffo Padre Arronches. —

» Engana-fe , Senhor , (o Deaõ volve)

Que eu ſermões nunca ouvi em minha vida ;
E poſto que , no Choro , muitas vezes ,
Em razaõ deſta minha Dignidade ,
A meu pezar , a alguns delles aſſiſto ,
Em quanto o Padre grita , eſtou dormindo :
Pois d'outra ſorte disfarçar naõ poſſo
A fome , que me ataca a eſſas horas.
Se eu algum dia for eleito Biſpo ,
(Como eſperar me faz o regio ſangue
De Lara , que nas veias me circula)
Já , deſde aqui , meu Padre , lhe prometto ,
Que eſtes ſermões deſterre do Biſpado ;
E ſe nelle inda achar quem tenha o flato
De prégar , lhe darei promplo remedio :
Mandarei , que cumprindo ſeus deſejos ,
Vá pregar aos Hereges , e Gentios ,
Que o premio lhe daráõ do ſeu trabalho ;
E eſcuſem de quebrar-nos os ouvidos
Com uma inſulſa dilatada arenga ,
Que ouve por uſo o Povo , e naõ entende ,
E a pagar vem , por fim , por alto preço ;
Dando (couſa que muito a mim me eſpanta)
Sem ſaber o porque , o ſeu dinheiro.
Sermões ? — E quando quer jantar a gente ?
A fome ſó augmentaõ , cauſaõ ſomno.
Mas , tornando , meu Padre , ao noſſo ponto ,

Eſte Alcides , ſegundo tenho ouvido ,
Foi o maior tunante dos ſeus tempos.
— Foi amigo de Moças ? Que tem iſſo ?
Vê-me aqui ? Pois com ter mais de ſetenta ,
(Dizia o Jubilado) nem por iſſo
Onde quer que as eu topo , lhe perdôo. —
» Outro tanto de mim , oh quanta magoa !
(O Deaõ exclamou) oh quanto pejo
Me cuſta , Padre meſtre , o confeſſa-lo !
Outro tanto de mim dizer naõ poſſo ,
E com tudo naõ paſſo dos ſeſſenta ;
Mas iſſo é do burel virtude innata.
Agora pois , ſe a voſſa Reverencia
Peſado lhe naõ for , de[illegible] quizera
Que deſte traficante toda a hiſtoria
Me referiſſe , pois , ſegundo penſo ,
Ha de ſer varia , e muito divertida.
Lembra-me a mim , que ſendo inda Eſtudante ,
Do Bacharel Trapaça , e Peralvilho
De Cordova , a hiſtoria portentoſa
Ouvi ler (por ſinal , que por ouvi-la ,
Na Claſſe peſpeguei valentes gazios)
A um Clerigo vizinho , bom Poeta ,
Que ſabia o Borralho todo inteiro ,
E tinha uma eſcolhida Livraria :
E confeſſo-lhe , Padre Jubilado ,

Que nunca, em minha vida, tenho ouvido
Coufa, que cá no goto mais me déffe. »
— De bom grado o farei, por dar-lhe gofto,
(O Padre lhe tornou) e affim começa:
— Efte grande varaõ Alcmena e Jove
Teve por pais, ainda que graõ tempo
Do forte Amphitriaõ paffou por filho... —
» Com que de mais a mais o tal Alcides
De barregã foi filho? — Avante, Padre,
Que o começo promette grandes coufas. »
(Diz o Deaõ) e o Padre profeguia:
— De tantas forças foi, logo em nafcendo,
Que inda elle naõ contava bem dez mezes,
Quando, em lugar de berço repoufando
N'um efcudo de cobre que a Pteréla
Amphitriaõ ganhára, batalhando,
Duas Cobras mais groffas que um madeiro,
Que entráraõ a papa-lo furrateiras,
No filencio da noite, por mandado
De Juno, que em ciumes fe abrazava,
Rompeo, efpedaçou, com mais prefteza
Do que eu trinchar coftumo uma gallinha,
Quando, com fomẽ eftou, na noffa cella.
Digo = na cella = : pois no Refeitorio
Efta ave nunca entrou; que nelle reina
Sómente o Bacalháo, e talvez podre.

Depois, ſendo Mancebo, a eſtribaria
De Augias alimpou com acçaõ grande ... —
Neſte ponto o Deaõ ter-ſe naõ póde
Sem que eſta ſabia reflexaõ fizeſſe:
« Filho de Barregã! Moço de mulas!
Vejaõ de que relé era a criança! »
— Logo (proſegue o Padre) convidado
De maiores acções, um Leaõ féro
Na floreſta Nemea, cara a cara,
Deſtemido affrontou; e lhe machuca,
Com a peſada maſſa, o duro caſco ... —
Aqui chegava o Padre, em ſua hiſtoria,
Quando o eſperto Deaõ, á porta vendo
Da Cerca, o Guardiaõ, que a ve-lo vinha,
Inda do ſomno os olhos esfregando,
O fio lhe cortou, em altas vozes
Ao Guardiaõ gritando: » Appello, appello
Perante voſſa ſabia Reverencia,
Varaõ conſtituido em Dignídade,
Da affronta, que me faz o meu Cabido,
Pretendendo com multas conſtranger-me
A vir apreſentar ao gordo Biſpo,
Á porta da latrina o ſanto Hyſſope.
Peço tambem, com todo o acatamento,
Os reverenciaes Apoſtolos, mil vezes,
Com mais, e mais inſtancia, inſtantemente ... »

— Basta : (o Prelado diz) já interposta
A Appellaçaõ está. Agora, em quanto
O Reverendo Padre Jubilado,
Pois Notario naõ ha, que dê fé d'isso,
A Certidaõ lhe passa, nos sentemos
Ao pé desta Roseira a tomar fresco. —
Ditas estas palavras, se assentáraõ,
E o farfante Deaõ assim começa :
» Por certo, que naõ póde duvidar-se
Do augmento, Senhor, que em nossos dias
Tem tido Portugal, por alto influxo
Do Grande, Forte, e nunca assaz Louvado
Rei, primeiro no nome, e nas virtudes,
E do sabio Ministro, que lhe assiste.
Naõ fallo nas sciencias, e nas Artes
Que eu dellas nada sei : pois meu emprego
Ás letras applicar-me me naõ deixa,
Como meu gosto, e genio me pediaõ;
E da Arte da Cosinha taõ sómente
(Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa
Aos homens, que o Francez, que anda na moda)
Alguns pedaços leio, estando vago.
Fallo, sim, no apparato dos banquetes,
No polido dos trajos, e assembleas,
Dos Jardins no bom gosto, e dos Palacios.
Digo isto, meu Senhor, porque esta Cerca,

Que era um xiqueiro, ha menos de dous dias,
Hoje tornado está n'um Paraiso.
Mas que naõ poderá um Genio grande,
E tal, como o de Vossa Reverencia? »
O Guardiaõ entaõ todo enfunado,
Mas modestia affectando, lhe responde:
= Aqui que póde haver, que os olhos encha
De Vossa Senhoria, que tem visto
As Terras estrangeiras taõ gabadas,
Se é tudo uma pobreza franciscana! —

» Tanto naõ direi eu (replica o Lara)
Que ao ver deste vergel a amenidade,
O desenho dos Buxos, o bom gosto,
Com que estaõ as figuras trabalhadas,
A abundancia dos vasos, e das flores,
Que nos jardins estaõ, se me figura
Do Castello Gandolfo, ou de Frascati,
(Onde fallei mil vezes com o Papa)
Ver o primor, e o curioso aceio.
Tudo está primoroso; e só lhe falta,
Para em nada ceder aos mais gabados,
Deliciosos jardins de Italia, e França,
Uma Cascata, que a do Terni iguale.
Se Vossa Reverencia quer a planta,
Eu já mandar-lha vou; que a tenho em Casa. »

— Eſſa obra ha de cuſtar muito dinheiro
(Reſponde o Guardiaõ) e hoje as eſmolas,
Para encher a barriga a tantos frades,
Que tem fome canina, apenas baſtaõ.
Algum dia foi rico eſte Convento;
Mas eſtas novas Leis teſtamentarias
Deraõ um grande córte em ſuas rendas.
É verdade, que os ſantos Exorciſmos,
O benzer dos feitiços, e lombrigas,
O grande, e extraordinario privilegio
De Irmaõ, ou Mãi de frades, e outros pios,
E ſantos inſtitutos, que inventáraõ
Devotos, e ſubtís, noſſos antigos,
E que nós pelo Povo propagamos,
Com zelo, e com deſtreza, maiormente
Entre o devoto feminino ſexo,
Inda pingando vaõ de quando em quando.
Mas iſto tudo é nada, é um cominho,
A par do que rendia o Purgatorio!
Senhor, o Purgatorio, e as almas ſantas
Eraõ o Potoſi da franciſcana! —
Neſte ponto chegando, o Jubilado
O diſcurſo lhe atalha, e ao Lara entrega
A grande Certidaõ, que paſſar fôra.
O Deaõ a recebe civilmente,
E com mil importunos comprimentos,

E outras tantas profundas cortezias ,
Dos dous Padres , cortez se despedia :
E correndo , e saltando , como um Corço ,
Risonho , e prazenteiro entrou em Casa ;
Onde á sua presença , pelos ares ,
Faz vir o triste Luz , que a honra goza
De tocar mal rabeca , na Sé de Elvas ,
E de ser , em seu foro , máo Notario ,
Ou pessimo Escrivaõ , que vale o mesmo :
Além disto , cursado tinha as Classes ;
E a todas estas cousas ajuntava
Uma profunda erudiçaõ , bebida
Nos Autos de Reinaldo , e Valdevinos ,
E do Infante Dom Pedro nas partidas ,
Florisel de Niquéa , e outros livros
Da andante , da immortal Cavallaria ;
Ao qual o Deaõ disse : « Hoje um negocio
De ti fiar pretendo de importancia :
Mas antes será bom , que ao grande Baccho
Algumas libações , como costumas ,
Aqui faças. » Dizendo estas palavras ,
Ordena , que lhe tragaõ promptamente
Do bom vinho de Borba tres garrafas.
O bom Luz transportado á sua vista ,
Sem fazer-se rogar , logo a primeira ,
Ás duas palhetadas deixa enxuta :

Muito tempo naõ paſſa, ſem que prove
Igual ſorte a ſegunda; ſem deſcanſo
Com a terceira inveſte, largo eſpaço
O forte Campeaõ entra por ella:
E depois que eſquentada teve a bilis,
Aſſim com o Deaõ falla animoſo:
— Que couſa póde Voſſa Senhoria,
Querer deſte ſeu Servo, que naõ faça?
Que perigo haverá, que naõ arroſte?
Da nova Zembla os duros Caramelos,
Irei a paſſear: ao meio-dia
Na Libia ſoffrerei a calma ardente;
Com Tigres, com Leões, com Crocodilos
Andaz affrontarei; do Reino eſcuro,
Para ſeu caõ de fralda, ſe é ſeu goſto,
N'um pulo lhe trarei o Caõ Cerbero;
Se mais d'iſſo ſe paga, c'uma corda
Á porta lho atarei, como um Macaco. —
» Menos que iſſo (bradou o Prebendado)
Menos que iſſo de ti hoje pretendo.
Uma appellaçaõ ſó quero que intimes
Ao gordo, e féro Biſpo: iſto ſómente
De ti hoje deſejo, e de ti fio. »

Aqui, mudando a cor do triſte roſto,
Começou a tremer o novo Alcides,

E com voz balbuciente, lhe replica:
— Muito illuſtre Senhor, taõ grande empreſa
Minhas forças ex- ede: o meſmo Achilles,
Mandricardo, Gradaſſo, Sacripante
Commette-la, por certo, receiáraõ,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.
D'ella pois me diſpenſe; que eu ſem pejo,
Ante os Ceos, ante a Terra hoje confeſſo
Que meu animo a tanto naõ ſe atreve. —

A eſte breve diſcurſo, ardendo em ira,
O Deaõ exclamou: « De minha viſta
Vai-te indigno Furaõ, vil e raſteiro,
A quem, na Cara, e feitos te pareces,
Que eu ſaberei achar quem me obedeça. »

Tremulo, e ſemivivo o pobre Zote
Entaõ ſe foi d'alli eſcapolindo;
E o farfante Deaõ fica ſuſpenſo,
No peito revolvendo a quem daria
A grande Commiſſaõ: — quando á memoria
Lhe a traz a Senhoria (que a ſeu lado
Inviſivel aſſiſte) o bom Gonſalves,
Eſcrivaõ atrevido, e ſem piedade.
Que a ſi meſmo prendêra, ſe podéra.
» Eſte ſim (exclamou entaõ contente)

Que é capaz de citar a Jesu-Christo. »

Isto dizendo, que lh'o chamem, manda.

A Senhoria entaõ, tomando a fórma

Do Galopim de Caza, veloz parte,

E com elle voltou incontinente;

A quem logo o Deaõ propõe a empreza,

Que elle, sem duvidar, risonho acceita,

E para a executar, tempo opportuno,

Cheio de confiança, a esperar parte.

CANTO VI.

Já o Sol grande eſpaço declinava
Do brilhante Zenith para o Occidente ;
E a ſocegada Tarde , conduzida
Nas freſcas azas dos ſubtís Favonios ,
A paſſeio os Peraltas convidava :
Quando , por divertir ſua Excellencia
O faſtio , que a longa ocioſidade
Nos peitos dos mortaes tyranna géra ,
Se diſpõe a ſahir , como coſtuma ,
A freſcura a gozar do ſeu Verſalhes.

Mil infandos prodigios (trama urdida
Pela maõ induſtrioſa da Excellencia ,
Para obriga-lo a naõ ſahir de caza)
Eſta infauſta jornada precedêraõ.
Á-meſa poſto , e a beber um copo
De generoſo vinho da Madeira ,
Em vinagre , na bocca , ſe lhe torna
O ſuave licor , e ao meſmo paſſo ,
No Aparador ſaltando um Gato negro ,

Em aſtilhas lhe faz, com grande eſtrondo,
Os dourados criſtaes, que nelle eſtavaõ.
Depois, dormindo docemente a ſeſta,
Se lhe figura, no melhor do ſomno,
Que andando de paſſeio pela Quinta,
Com paſſos lentos a elle ſe chegava
Da nóra o velho Burro, e alçando o rabo,
Dous couces lhe pregava no vazio.
Á fantastica dôr, gritando, acorda;
E acudindo a familia promptamente,
Lhe narra o triſte caſo, inda aſſuſtado.
Mas, paſſado o primeiro ſobreſalto,
Deſenganado em fim de que era ſonho,
A veſtir-ſe começa: entaõ calçando
O polido ſapato, das fivellas
Salta, da Guardaroupa ao aureo tecto,
Com medonho eſtampido, a melhor pedra.
Finalmente, ao montar a Carruagem,
Batendo um graõ Bizouro as negras azas,
Com horrendo eſtridor lhe açouta as ventas,
E um Pardal lhe eſtercou no tejadilho.

Neſte inſtante a Excellencia, que tomado
Tinha do grande Almeida a gentil fórma,
Vendo que eſtes agouros naõ baſtavaõ
Para aterrar do Biſpo o forte peito,

C'uma grande zumbaia, assim lhe falla:
— Se crer em abusões é de almas fracas,
Desprezar portentosos vaticinios
É de peito obstinado, ensurdecido
Ás vozes, com que o Ceo mil vezes falla.
Se em Africa Catão, se em Roma Cesar
Derão fé aos presagios, nem aquelle
Nas fervidas areias Africanas
Acabára infeliz; nem no Senado
Ás mãos de Cassio e Bruto, ferozmente,
Este fora, qual rez nas aras, morto.
O mesmo digo do temido Almeida,
De quem Vossa Excellencia tem o sangue:
De Cambaya murchar as altas palmas
Na brutal Cafraria elle não vira,
Se afouto, ou temerario não zombára
Do bater dos sapatos dos Menezes:
Vossa Excellencia tem visto os portentos,
Que lhe tem neste dia acontecido.
Ah! se a mente presaga não me engana,
Algum grande desastre pronosticão,
Neste passeio, que fazer intenta.
Para illudi-los pois, torne a apear-se,
A Caza se recolha: considere
Que, por grande, a Cautella nunca dana.
Se pois da ociosidade, e seus prestigios,

Que tanto horror lhe faz, fugir deseja,
Mande chamar alguns Capitulares,
E com elles, em santa paz jogando,
O resto passe da calmosa tarde,
E naõ queira, com vãa temeridade,
A seu gosto a razaõ sacrificando,
Desafiar a colera dos Astros. —
A estas vozes, risonho, o gordo Bispo
Lhe responde: « Meu Filho, bem conheço,
Que o amor, que me tens, é quem te dicta
Essas sabias razões; mas que diria
Esta marcial Cidade, que admirando
Meu heroico valor, trazer pendente
Do bordado talim, me vio na guerra
Uma talhante espada; e sobre tudo,
Erguer da Cama, n'uma fria noite,
Por correr, sem temor, suas muralhas,
Quando o fogo nas altas atalaias,
Brilhando tristemente, annunciava
Roubos, assolações, incendios, mortes;
Se hoje soubesse, que eu ficava em Casa,
Assombrado de quatro bagatellas?
Eu confio no Ceo, que esses successos
Nada contenhaõ, que aziago seja.
Mas, se assim succeder, constante, e forte
Irei por onde os Fados me chamarem. »

Isto dizendo, confiado ordena
Aos Moços, que caminhem sem demora.

No tempo que estas cousas succediaõ
No Episcopal Palacio, o bom Gonsalves,
A quem a grande empreza disvellava,
Sendo por seus espias avisado
De que o Bispo sahia; aproveitar-se
Da occasiaõ, que a Sorte lhe off'recia,
Comsigo determina; e a toda a pressa
A vestir-se começa: quando a cara,
E longeva Consorte, do Cartorio
Nas sordidas trapaças taõ versada,
Como o destro marido, toda cheia
D'um panico terror, que dentro n'alma
A feroz Excellencia lhe infundira,
Ao collo se lhe lança, e assim lhe falla;

» Onde, oh Luz de meus olhos, doce Esposo,
Assim corres veloz, assim me deixas
Cercada de receios, e tristezas?
O Bispo vás citar? Ah! tu naõ sabes
Qual é deste Prelado a santa raiva?
Ignoras, que as menores bagatellas,
Em seu conceito saõ graves insultos,
Que castigar costuma sem piedade!

Tu, oh pobre Milheira, tu o dize,
Que por zombar da fita do palmito,
Na refpeitavel face do Roquete,
Meftre de Ceremonias, e Cabalas,
Com poder de Afliftente, junto ao folio,
Para infultar, fem termo, os pobres zotes
Em toda efta Cidade, e feu Bifpado,
A jazer longo tempo na Cadeia
Barbaramente condemnado fofte!
Naõ fabes, que a pezar das leis fagradas
Do noffo piedofiffimo Monarca,
Elle Meirinho tem de vara alçada,
Que prende, efcorcha, e rouba impunemente
Á fombra do fagrado Sanctuario?
Pois, como a provoca-lo hoje te arrojas,
Por fervir o Deaõ? Cres por ventura
Que elle te livrará das fuas garras?
Ou fias-te talvez em que és fujeito
A outra jurifdiçaõ? Mas, oh! repara
A quantos, como tu, leigos izentos
Em feu cruel aljube opprime, e vexa!
Oh! fe um raio voraz dos Ceos defceffe,
E todos os aljubes abrazaffe!
Quantas, oh Ceo! oh, quantas fe evitáraõ
Vexações, injuftiças, e infolencias!
Olha o que fuccedeo, ha pouco tempo,

Ao Charlataõ do Medico pequeno
(Que a habito perpetuo de Eſtudante
Foi de Eſculapio em Junta condemnado) ,
Por naõ dar alimentos á Conſorte
Em dinheiro corrente , que debalde ,
Os homens , e as eſtrellas atteſtando ,
Allegava naõ ter o miſeravel ,
E em vaõ , para paga-los off'recia
A venda de ſeus predios , ou ſeus fructos ;
A pezar da Razaõ , e da Juſtiça ,
Com publico pregaõ excommungado :
Bem que dizer-ſe delle ſe naõ poſſa
Que de Herodes á féra tyrannia ,
Nem ſe quer eſcapou por innocente ;
Pois ſó , d'uma pennada , a muitas almas
Tem feito as margens ver do Stygio Lago ,
Onde por elle eſperaõ barregando ,
Para as barbas tirar-lhe , e a cabelleira !
Pertendes pois que o meſmo te ſucceda ?
Ah ! naõ , amado Eſpoſo , por aquelles
Primeiros , e ſuaviſſimos inſtantes
Do noſſo doce amor , pela fé pura ,
Que no ſagrado laço me juraſte ;
Por eſtas ternas lagrimas , que choro ,
Que a tanto naõ te exponhas : ah ! naõ queiras
A ti meſmo cruel , e a meu ſocego

Roubar-me a trifte vida, dar-me a pena
De ouvir-te excommungar pelas efquinas,
Ou prezo cruelmente, entregue ás garras
Do Meirinho voraz, qual tenra Pomba
Entre as unhas crueis de Açor ligeiro.
Do meu pranto tem dó, e dos canfados
Longos annos da minha amarga vida. »
Aqui hum magoado, e graõ fufpiro
As queixas lhe atalhou; que o fentimento
A voz lhe congelou dentro no peito.

Entaõ o grande, e intrepido Gonfalves,
Affim, de brio cheio, e de ternura,
A timida Conforte alenta, e anima.
— Enxuga o bello pranto, oh bella Efpofa,
Que fem caufa derramas, pois com elle
O forte coraçaõ me defpedaças.
Eu naõ vou combater algum Gigante,
Nem tenho o Tamorlaõ por inimigo:
Vou fazer meu officio, e bem conheço
A quanto me abalanço, e me aventuro.
Mas que dirá o Mundo, fe vir hoje,
Que eu fujo dos trabalhos com o corpo?
De mais, que defte exceffo, a que me arrojo,
Tu a caufa fó és; pois d'outra forte
Mal poderei, meu rico Bem, comprar-te

A Saia, a Capa, a Fita, o Leque, o Pente.
Os annos eſtaõ caros, e eu naõ devo
Um gancho deſprezar, que raras vezes
A Ventura depara, e nos off'rece.
As Cenſuras, o Biſpo, e ſua vara
Vaõs eſpantalhos ſaõ que naõ me aſſuſtaõ;
Eu naõ temo o Meirinho, nem da Igreja
O forte raio, ſem razaõ vibrado;
E para me livrar do Biſpo ás iras
Tenho braço, artes tenho, e tenho modo.
O ſuſto deixa pois, que brevemente
Tu me verás tornar ſem frio, ou febre,
A gozar de teus mimos, teus favores. —
Iſto dizendo, de ſeus braços foge;
E mais ligeiro, que o ligeiro Gamo,
A eſperar, ſe partio, ſua Excellencia.

Já na rica liteira recoſtado,
Da Cidade ſahia o gordo Biſpo.
Dous lacaios membrudos, e poſſantes
Guiavaõ a compaſſo os grandes machos,
E dous do meſmo talhe na dianteira
A lenta, e preguiçoſa marcha abriaõ.
Nos altos Campanarios os Donatos,
E das Freiras as Moças, muito alegres
Davaõ, como coſtumaõ, aos badalos.

Quando o bom Efcrivaõ, que prompto eſtava,
Qual ſagaz Caçador, que alegre, e fero
Á porta d'uma mancha a rêz eſpera,
Á liteira ſe chega, e reſpeitoſo
Uma Carta ao Prelado logo entrega,
Na qual a Appellaçaõ deſcomedida
Em letra garrafal îa traçada.
O innocente Paſtor, que naõ ſuſpeita
O veneno mortal, que em ſi levava,
Depois de lhe lançar a ſanta bençaõ,
Com riſonho ſemblante, pega nella,
O ſobreſcripto rompe, e ſoletrando,
Entra a ler com trabalho; mas, apenas
O ſentido da aſtuta Carta entende,
Começou a tremer; das maõs lhe cahe
O atrevido papel. Naõ, ſe cem boccas,
Cem linguas eu tiveſſe, e a voz de ferro,
Poderia contar qual foi a raiva
Do gordo Biſpo. A Ira, a Impaciencia,
A Soberba, a Vingança, e outras Furias
O rodeiaõ, o agitaõ, e o tranſportaõ:
O roſto ſe lhe inflamma; os olhos tintos
D'um vivo, e negro ſangue lhe chammejaõ,
Eſcuma, geme, e brama, range os dentes.
Taõ cruel, taõ eſpantoſo, taõ feroz
Naõ treme, naõ avança, naõ ſe raſga

O que mordido foi de Caõ danado,
Quando o trifte veneno, que fervendo
Pelas veias lhe corre impetuofo,
Ao coraçaõ lhe chega, e lh'o devora,
Como o grave Paftor! A vil Preguiça
Que a feu lado jazia recoftada,
Ao vê-lo, d'alli foge efpavorida.
Em fim, em raiva ardendo, grita, e clama
Aos Lacaios, que logo, fem piedade,
Aquelle infame oufado lh'o caftiguem.
Entaõ os infolentes vis Mochilas
Arrancaõ das efpadas, que em defprefo
Das Leis, e Magiftrado á cinta trazem,
E cheios de grande ira, quaes raivofos,
Arremeffados Cães, que ardidos feguem
O fero Javali, que veloz foge
A emborcar-fe na denfa, e vafta moita,
Correm, fem tino, apoz o bom Gonfalves,
Que em feguro já pofto, ao pé da guarda,
Os olha com defprezo, e com infulto.
Naõ de outra forte rubido Podengo,
Que feguindo fiel, e lifongeiro
O ruftico Saloio, que á Cidade
Vem, de feus Campos, a vender os frutos,
Se ao pé d'alguma efquina fe demora,
Prefo da vifta das formofas cores

Da galhofeira Cidadãa Cadella,
E sobre elle cahindo a roaz turba
Dos bairristas Cachorros, que a namoraõ,
Entre as pernas mettendo a longa cauda,
Corre, sem se deter, até que chega
Junto de seu Senhor, a cujas abas
Seguro, e confiado encrespa as ventas,
Contra elles se revira, entaõ rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

Denodado Gonsalves, se meus versos
Alguma cousa pódem, se rompendo
A nevoa escura dos futuros evos,
Sobre as azas do Tempo se espalharem
Pela terraquea mole, em quanto Alcaides,
Quadrilheiros houver, houver Meirinhos,
O teu nome será sempre famoso,
Pelo heroico valor, com que abarbaste
Do gordo Bispo a temerosa sanha,
E dos Leilões na praça, em quanto ás nuvens
A fronte levantar a gram Lisboa,
Entre a terrivel pestilente corja
De Alguazis desalmados, e vorazes,
Com inveja, e louvor, serás de todos
Pelo primeiro Beleguim contado.

Em tanto a Senhoria, que presente
A esta Comica scena sempre esteve,
Chama a Fama veloz, e lhe encarrega
Que a gram nova ao Deaõ leve ligeira.
Estava entaõ o triste combatido
De alegres esperanças, e temores;
Umas vezes confia, outras receia,
Que o Escrivaõ medroso naõ se atreva
A proseguir no empenho começado;
Quando a rapida Fama em seus ouvidos
A nova espalha do feliz successo.
Vós, Filhas da Memoria, que do Pindo,
Concordes habitais as frescas selvas,
Qual foi seu gram prazer dizei agora.
De Baccho nas solemnes Anthesterias,
As desenvoltas Ménades naõ correm,
Nyctileo invocando, mais furiosas,
Do Deos, e da Alegria arrebatadas,
Como o farfante Lara corre as casas
Gritando de contente. Os Moços chama,
E a todos, entre grandes gargalhadas,
Todo o successo narra. Ora lhes pinta
Do arrojado Escrivaõ a grande astucia,
Ora as vãas iras do cruel Prelado.
Oh geraçaõ humana, e quanto és facil
No meio da bonança a engrimpinar-te,

Sem temer, que a pellada má fortuna,
Lubrica, extravagante, caprichosa,
Te vire as costas, e te mostre a calva!
Tu, oh farfante Lara, em pouco espaço
O viste, por teu mal, tu o provaste:
Pois, quando mais ditoso te julgavas,
De improviso fugio tua alegria,
Qual leve exhalaçaõ, que apenas nasce,
Nos abysmos do Ceo desapparece!
Engolfado o Deaõ nas esperanças,
Que este fausto principio lhe annuncia,
Aos Criados ordena *in continenti*,
Que para festejar o feliz caso,
Uma esplendida Cea se prepare;
E á velha, que tambem de gosto salta,
Com risonho semblante intima, e manda,
Que naõ fique na grande capoeira
Folego vivo em taõ festivo dia.
Naõ contente com isto, maior prova
De seu immenso gozo dar pertende:
Que bizarro Concerto de preludio
Sirva ao farto banquete, determina,
Da Musica melhor, que ha na Cidade.
E por dar mais prazer aos Convidados,
De Cavallinhos fuscos, depois della,
Na vaga salla, com soberba pompa,

O galante espectaculo prepara.
Entaõ a convidar, saltando, envia
Do Clero, e da Milicia cem pessoas.

Ao passo que estas cousas se faziaõ,
A despiedosa velha ferozmente
A barbara sentença executava,
Cem Gallinhas, cem Frangaõs degollando.
Entre todos havia um velho Gallo,
Pai da grande familia, victorioso
De cem feros rivaes, e respeitavel
Pelo roxo esporaõ, e roxa Crista:
Deste pois, nem sequer o vulto escapa
Da grande mortandade, e com seu sangue
De seu cruel Senhor honra o festejo.

CANTO VII.

Entre tanto, ſurdindo a Noite eſcura
Do Boſphoro Cimmerio, e despregando
As eſtellantes azas, envolvia
Todo o noſſo Emiſpherio em denſa tréva;
Quando na Caſa do Deaõ triumphante,
Ajuntando-ſe vaõ os Convidados.

Vós, Deoſas do Parnaſſo, vos agora
Novo fogo inſpirai dentro em meu peito;
Regei-me a voz canſada, e o debil canto,
Por que nelle celebre dignamente
De taõ altos varões nomes, e manhas.

O primeiro que entrou na grande ſala
Foi o moço Sequeira, que hombreando
C'o Pai ſagaz, na uſura, e na trapaça,
Lhe ſobre-leva muito de avareza.
D'uma ſebenta, desbotada fita,
A bengala da dextra traz pendente,
Com que as moſcas enxota do Caſtello.

Apoz efte fe fegue circunfpecto
O Noventa-cabellos, conhecido,
Perfido Achates do pompofo Lara;
Homem fizudo, e grave, e o mais callado
De quantos pizaõ d'Elvas a Cidade;
Excepto o trifte, mifero Tacanho,
Que gerou, por feu mal, o velho Torres.
Muitos d'elle murmuraõ (Feia inveja
Quem de teus dentes ficará izento,
Se naõ te efcapa a fimples Innocencia?)
Que naõ falla, porque fallar naõ fabe.
Outros porém mais juftos o defendem,
E ás eftrellas o fóbem; pois ao menos
Se naõ fabe fallar, fabe callar-fe,
E qual lubrica, negra fanguifuga,
Que afferrando-fe á pelle, fe naõ folta,
Sem de todo fartar a cruel fede,
Dos que encontra ás orelhas naõ fe agarra,
E fem antes gastar-lhe a paciencia,
Com queftóes importunas os naõ larga,
Como coftuma o Zote do Sardinha.
Nas ancas defte entrou esbaforido
O Veliozo, Arithmetico affamado,
Capaz de duvidar até de Chrifto;
E que tem de loquaz, e de arengueiro
Quanto de taciturno tem o outro;

Elle ſabe de *Acclamo* o grande Scholio,
De cabo a rabo, ſem falhar-lhe um verbo,
E á força de Pai velho, algum pedaço
Verte em máo Portuguez, do Tridentino.
Com o que, e repetir alguns exemplos
Da longa Jeſuitica Syntaxe,
Paſſa, entre os ſeus, por homem conſummado:
Bom Juiz de Sermões, e Pregadores,
A pezar do atrevido Cazadinho,
Que, por ſer o barbeiro do Prelado,
Arrogar eſte cargo a ſi pretende.

Pouco tempo depois, ao beque dando,
Entra o vaidoſo mulheril Perinha,
Ramo inſigne dos Gatos-Rodovalhos,
E Chefe dos Pelões da ſua Terra.
Entaõ de Senhorias toda a Caſa,
Qual d'um picante enxame de moſquitos,
Azoinada ſe vio: umas da bocca
Em borbotões lhe ſahem, outras lhe entraõ
Pelas grandes orelhas liſongeiras,
E ſubindo-lhe ao cerebro, a cabeça
De illuſtriſſimos flatos lhe enchem toda.
Naõ paſſou muito eſpaço, ſem que á porta
Se naõ viſſem chegar ambos os Bichos,
Alegria, e prazer da Elvenſe Terra;

O Leite, e o Barquilhos, taõ famosos,
Aquelle, pela teima, com que intenta
Mungir d'uma grande Bode as grandes tetas,
Este, pela piedade, com que vendo
Jazer em terra morto o bravo Touro,
Que os calções de Camurça lhe rasgára,
Por que o Ceo suas culpas lhe perdoe,
Perdoa em altas vozes, generoso,
O estrago do vestido, e a grave affronta.
Estes, por onde passaõ mil apodos,
Mil graças, e risadas, entre a bulha
Do vulgo insultador soar se escutaõ,
Naõ de outra sorte vio Lisboa, um tempo,
Da vil plebe entre a grande borborinha,
Passear suas ruas hombro a hombro
O celebre Dom Felix, e o Caturra.

Mas outro entrando vem, de insignes prendas,
Que no engenho, agudeza, brio, e garbo,
Com os dous póde bem correr parelhas.
Afastai, afastai: deixai passa-lo;
Que é o grande Salgado, cujo nome
Por todo o Alem-tejo, em suas trompas,
Com sonoro louvor publica a Fama.
D'elle relata pois a chocalheira,
Que inda o Rol pendurado traz ao collo

Das Moças, que em Mancebo namorára;
Onde, com diſtincçaõ, ſe lem ſeus nomes;
Suas graças, e dotes. Pelos prados,
Que o Hebro criſtallino corta, e rega,
Tantas, de Amor captivas, naõ ſeguiraõ
De Thracia o graõ Cantor, que a cara eſpoſa,
Na ſolitaria praya deſcanſando,
Duas vezes perdida, em vaõ chamava,
Quantas o Rol contém, deſde a mais baixa,
E roliça fregona, até a Dama
Mais nobre, mais gagé, e mais xarifa;
Hoje porém, que em mais ſerios eſtudos,
Os dias gaſta, desfrutando a honra
D'a ruſtica curar gente da vargem,
Inda eſte frenesî curar naõ pôde
Nem da Empirica ſciencia o graõ ſegredo,
As hervas, cataplaſmas tem baſtado,
Para os males curar-lhe da cabeça.

Eis outro chega, de naõ menos fama,
Cavalheiro do porte dos Venegas,
Que muitos Infanções por Avós conta.
Eſte ſó comerá d'uma aſſentada,
Sem que papo lhe faça, um Boi inteiro;
E como quem um copo bebe de agua,
De Caffé, Chocolate, Chá, Sorvete,

D'um trago beberá toda uma pipa.
Elle Ceia naõ ha, naõ *ha* Merenda,
A que prompto naõ vôe, naõ assista.
Taõ rapida calar das altas nuvens
Naõ vê o Passageiro, em largo Campo,
A grasnadora gralha, o negro Corvo,
Sobre o triste animal, que de cansado,
Em comprido caminho deo a ossada,
Como correr se vê o bom Fidalgo
Á voz, e cheiro do mais vil banquete.
D'esta Canina fome, que o devora,
De *alarve* lhe ficou o gentil nome,
Com que em toda a Cidade é conhecido.

Nem tu has de deixar de ser lembrado,
Em meus versos, Prior da Santa Igreja,
Que Alcaçova ennobrece; tu, que sendo
Um tempo branco, e louro, te tornaste,
Por artes encantadas, negro, e pardo.
Este na Sala entrou de loba, e capa,
Mas debaixo do braço, co' a Catana,
Com que em noites de escuro tem brigado
(Se de seu graõ valor naõ mente a fama)
Muitas vezes, com todos os Diabos.

Entaõ tremendo chega a pass os lentos,

O longévo potrôso do Saldanha ,
Que em régras economicas bem póde
Dar sóta , e az ao Grego Xenophonte.
Para próva do seu contentamento
Se adórna do vestido Domingueiro ;
Sobre uma véstia branca airoso traja
Cazaca que foi negra ha quinze lustros ;
Os Calções eraõ pardos , e os sapatos ,
As meias , e espadim , e os outros cabos
Em nada do vestido desdiziaõ.

A seu lado marchava o velho preto ,
Com a suja panella , em que costuma
Ajuntar as reliquias dos banquetes ,
A que assiste faminto , e com que passa
O resto da semana c'o a familia.

Tu tambem , grosso Silva , lustre , e gloria
Da tua Patria , antiga Torres-védras ,
Doutor em Anno-historico , naõ foste
Dos ultimos , que entrou na rica sala.

Estes , e outros varões de igual calibre ,
Dignos todos de fama , e maravilha ,
Honráraõ nesta noite a grande festa :
Mas da Justiça o amor me naõ consente

Que eu deixe voſſos nomes envolvidos
Entre a treva, que eſpalha ſomnolenta
A agua eſtôſa do ſombrio Lethes:
Bolorento paõ ralo, e tu, que fallas
A lingua da Mourama, oh bom Gonſalo,
E que os Melões, e Peras almotaças,
Com tanta rectidaõ ao Povo d'Elvas,
Quando empunhas ſevero a rubra vara.

Junta em fim a ſelecta Companhia,
O viſtoſo Salaõ em torno c'roaõ.
Entaõ ao Coro, que eſperando eſtava,
Deo ſinal o Deaõ, e uma Sonnata
De Cravo, de Machete, e Caſtanholas
Da Orcheſtra eſtrepitoſa foi preludio,
A que um Duo ſe ſegue, couſa rara!
E que igual nunca vio em ſeus theatros
Milaõ, Veneza, Napoles, Florença.
O grande Eugenio, e o famoſo Felix
Foraõ os dous *Virtuoſos*, que o cantáraõ.
Se tu, oh eſtremada Zamperini,
Que em Lisboa os Caſquilhos embaraças,
Seus ſuaves accentos eſcutáras,
Paſſages, e volatas, bem que as Graças
Liſongeiras te cerquem, e derramem
Em teu peito, e garganta mil encantos,

Com que as tres filhas d'Achelôo vences,
Quantos novos encantos aprendêras?
Depois o Vidigal ligeiro toma
Uma Bandurra, que na Orcheſtra eſtava,
Por maõ de inſigne Meſtre trabalhada:
Nella ſe viaõ, ſobre a branca faya,
De marfim embutidas, e páo ſanto,
As folîas do filho de Semele,
Quando, do Ganges triunfando, á Grecia,
Entre ledos tripudios ſe tornava.
Eſtava o gordo Deos alli ſentado
N'um grande Carro, que virentes parras,
Contra os raios do Sol, todo toldavaõ;
Uma bojuda pipa, que eſparzia
Um largo jorro de liquor vermelho,
De throno lhe ſervia; e o Moço imberbe
C'o verde thirſo, c'uma maõ picava
Os dous aceſos moſqueados Tigres,
E c'o a outra chegava á ſeca boca
De ſaboroſo ſumo um cheio vaſo.
Apoz elle ſe via debuxado
O bebado Sileno, ſobre um ruço,
E canſado jumento; de verde hera
C'roada a fronte tinha o ſemi-capro;
E com tal arte figurado eſtava,
Que a cada paſſo do animal imbelle,

Aos olhos dos que o vem, ſe repreſenta,
Que balançando o ſemi-deos cahia,
C'os fumos, que a cabeça lhe toldavaõ:
De foliões Silenos uma tropa,
Quaſi para o ſoſter, o rodeava,
E ſobre ella lançava o bom Sileno,
Todo riſonho, os mal-abertos olhos.
Precediaõ o Carro deſgrenhadas
Mil Bacchantes, e Satyros laſcivos,
Dando nos ares deſcompoſtos ſaltos.
Uns tocavaõ bozinas retorcidas,
Outros rijos adufes, e pandeiros.

O Vidigal, pegando no inſtrumento,
Se encommendou ao Deos, a quem amava,
E dando á eſcaravelha largo eſpaço,
Até de todo temperar as cordas,
Soltou a bruta voz, com que coſtuma
Levantar os Mementos nos enterros.
Com taõ grande attençaõ naõ pendem promptos
Do novo Batalhaõ da Elvenſe Terra
Os marciaes ſoldados, na parada,
Da voz agallegada do Maliſa,
Quando o manejo, á falta d'homens, rege,
Como a feſtiva Companhia pende
Dos duros bérros do Cantor famoſo,

Que da Patria em louvor, assim dizia:
» Oh grande Elvas, Cidade em todo o tempo
Por teus famosos filhos memoranda!
Hoje até ás estrellas meus accentos
Teu nome levaráõ, e tua fama:
Mas d'onde a minha voz a teus louvores
Dará principio? Tu, oh brincaõ Baccho,
Como tens por costume, tu me inspira.
Mil, em silencio deixarei, successos,
Em mais remotos tempos celebrados,
Que tua gloria illustraõ; pois naõ póde
Um engenho mortal todas as cousas:
E a louvar passarei do teu Senado
A rara, e nunca-vista Economia,
Com que no velho, já rachado sino,
Por se acharem as rendas do Concelho
Em luminarias, lutos, e propinas,
Todas (em seu proveito) consumidas,
Quatro gatos mandou lançar de ferro.
Com tal arte feria o Cantor déstro
Do pequeno instrumento as tezas cordas
(Acompanhando o som, com que cantava
Este estupendo gracioso caso)
Que ao bater das pancadas, parecia
Que se ouviaõ no sino as marteladas.
» Que direi (proseguio) da subtileza,

Com que mandar gravaste sobre a porta ,
Que tem de *Esquina* o nome , em negra pedra ,
Por que ninguem a lê-la se atrevesse ,
A famosa inscripçaõ , em negras letras ?
Mais intrincado , mais escuro enigma ,
Que o que nas portas da famosa Thebas ,
Por destino fatal , aos peregrinos
Feroz propunha a monstruosa Sphinge. »
Aqui , para tomar maior alento ,
Um pouco se callou ; e em alvo pondo ,
Como quem pensa em cousas mais profundas ,
Os turvos olhos , préga um grande escarro ,
Com que assustou os Circunstantes todos ;
E de novo começa : « Oh ! se eu lograsse
A grande dita de nascer em Roma ,
E alli , na tenra idade , me tivessem
Qual misero , e novel frangaõ castrado ,
Que entaõ só dignamente , em fino tiple ,
Qual Achilles , nas Operas d'Italia ,
De teu grave Senado cantaria
A acçaõ maior , que viraõ as Idades !
Tu , oh Povo miudo , e Povo grosso ,
Que dos Touros ao barbaro combate ,
Presidido dos serios Magistrados ,
Lá na Praça assistias galhofeiro ,
Tu testemunha foste ; e no futuro

Teſtemunha ſerás, que eu naõ matizo
Com falſas cores o notavel feito,
Fallo da profuſaõ, com que lançáraõ,
Ao primeiro rumor, e ainda incerto,
Com que a Fama eſpalha vagamente
A noticia dos Régios Deſpoſorios
Da Princeza Real, Real Infante,
Depois de terem feito bem o papo,
As reliquias da prodiga Merenda,
Sobre as cabeças da apinhada gente.
Entaõ (couſa paſmoſa!) os óvos molles,
Arroz doce, Cidraõ, e Leite creſpo
Cobriraõ n'um inſtante toda a Praça,
Que o Povo, ás rebatinhas, apanhava,
De toda a parte entaõ chover ſe viaõ
(Qual nas tardes de Mayo, quando Jove,
Com a rubida maõ dardeja irado,
Por entre as negras condenſadas nuvens,
Com medonho fragor torcidos raios,
Cahe a groſſa ſaraiva, enchendo os Campos)
As pélas do toſtado Manjar branco. »

Aqui chegava, quando os Convidados,
A quem de tantos doces a lembrança
Tinha feito creſcer agua na boca,
Da demóra da Ceia impacientes,

E da fóme voraz eſtimulados,
Em tropel ſe levantaõ, e lançando
Pela terra cadeiras, e inſtrumentos,
Corrêraõ pa'ra a meza, onde ſcintilla
Nos dourados criſtaes, nos finos pratos
A radiante luz de cem bugias.
O primeiro que occupa a Cabeceira
É o tolo Aguilar; ſem comprimento
Entra logo a cevar a féra gula:
Exemplo, que os mais ſeguem vorazmente.
Brilha nos cópos o roſado ſumo,
Que deſterra a cruel melancolia
Da meza feſtival, — reina a Saude!
Mas de todos tu foſte, oh gram Gonſalves,
Quem as primicias cólhe; todos brindaõ
A teu grande valor, á tua aſtucia;
Em quanto tu, no collo recoſtado
Da prezada Conſorte, entre os ſeus mimos,
Do Biſpo, e do Deaõ te eſtavas rindo.
A Alegria reinava em toda a meza:
Mil chiſtes, mil apodos, mil pilherias
Giravaõ ſem ceſſar; ſu'a Excellencia
De todos era o alvo; todos nelle
Malhavaõ ſatisfeitos, e contentes,
Poſto que era malhar em ferro frio.
Uns a brilhante eſcolha lhe louvavaõ

Dos Synodaes Theologos, do Arronches,
Eximio Prégador, que leo inteiro
O Livro dos Conceitos predicaveis,
O Zodiaco sob'rano, e outros muitos,
Que na Escola Capucha estaõ em preço,
Do Guardiaõ dos Capuchos, do Roquete,
Thomista petulante, e confiado.
Outros a prepotencia celebravaõ,
Com que de motu proprio, um pobre leigo
Despejar promptamente fez, das Casas,
Para nellas viver o seu barbeiro.
Este a grande filaucia encarecia
Com que a Portuense mitra na cabeça,
E seu bago reger já se suppunha,
Officios repartindo, e Dignidades.
Aquelle murmurava da arrogancia,
Com que Ministro eleito á grande Roma
A julgar-se chegou, e rodeado
De Pages petulantes, e Lacayos,
Já o Tibre assoberbar, e as verdes margens
Em malhados frizões imaginava.
E todos, sem respeito, blasfemavaõ
Da fatal ignorancia, ou liberdade,
Com que a pezar dos Canones sagrados,
Beneficios curados entregava
De avaros Regulares entre as garras.

Nem tu , gentil Roupaõ de fresca Xita ,
Com que á grande janella empanturrado
Da inutil , ociosa Bibliotheca ,
Nas noites de Veraõ a calma passa ,
Ás suas tezouradas escapaste.

Entre tantos motejos , só , callado ,
Chupando os dedos , e roendo os ossos ,
Comia , e mais comia o Dom Alarve ;
E algum caso fatal , de quando em quando ,
Todo cheio de espanto , recontava
Do anno historico , o grosso , e torto Silva ;
Quando , subitamente (caso horrendo !
Que as carnes faz tremer ao repeti-lo !)
O velho Gallo , que n'um prato estava ,
Entre frangaõs , e pombos lardeado ,
Em pé se levantou , e as nuas azas
Tres vezes sacudindo , estas palavras ,
Em voz articulou triste , mas clara :
— Em vaõ , cruel Deaõ , em vaõ celebras
Com nosso sangue o prospero successo ,
Que a futura victoria te promette ;
Que por fim cederás a teu contrario. —

Disse : e cahindo sobre o grande prato ,
Sem mexer-se ficou. Neste momento

Um gelado ſuor dos Circunſtantes
Banha as pallidas faces ; os cabellos
Nas frontes ſe lhe erriçaõ ; largo eſpaço
Immoveis ficaõ , ſem dizer palavra.
Mas o perdido eſpirito cobrando ,
Se levantaõ tremendo , e pela terra
A recheada meza baqueáraõ :
Tres vezes ſe benzêraõ c'o a maõ toda ;
Tres vezes , mas em vaõ , eſconjuráraõ
O fatal Gallo , que jazia morto ;
E mil , a infauſta Ceia , dando ao Démo ,
Se foraõ , ſacudindo os calcanhares.

CANTO VIII.

Na fuperior inftancia introduzida
A grande Appellaçaõ, ardia a guerra.
Dous Rabulas famofos trabalhavaõ
Em offufcar das Partes o direito.
Quantos rançofos livros, que jaziaõ
Sepultados em pó, meios-comidos
Da cruel, e voraz, maligna traça,
Tornáraõ outra vez a vêr o dia!
A Excellencia, a Difcordia, a Senhoria,
Cada uma de per fi os excitava;
E fobre tudo a fome devorante
Do luzente metal, que o Mundo encanta.
De papel muita refma, em letra grifa,
Onde, a montões, os Textos, os Doutores,
Sem ordem, e fem tempo fe allegavaõ,
Cada qual, de fi pago, tinha efcrito.

Quando o Genio feroz das Bagatellas
Uma fiel balança nas maõs toma,
E n'um dos aureos difcos põe attento

As razões do Deaõ, n'outro as do Bispo;
E vendo que eſtas tinhaõ maior pezo,
Talvez por terem mais papel, e tinta,
Por um geral Edicto á Corte chama
Os vaidoſos Magnates, e em ſenzala,
Com féra continencia, aſſim lhes diſſe:
» Nunca a penſar cheguei, que em meus vaſſallos,
Que do orbe a eſtimaçaõ, e o ſer me devem,
Taõ louco algum houveſſe, e taõ ingrato,
Que combater ouſaſſe meus projectos!
Mas o tempo, que a todos deſengana,
Me moſtrou quanto errava, e quaõ perdidos
Saõ, com ingratos, grandes beneficios!
Eſte enorme attentado merecia
Um caſtigo exemplar; mas a Clemencia,
Companheira fiel do meu Imperio,
A eſpada me ſuſpende, na eſperança
Da prompta emenda. » Aqui fitando os olhos
Na pallida, e confuſa Senhoria,
Deſta ſorte proſegue em ſeu diſcurſo:
» É pois minha vontade, ordeno, e mando,
Sob pena de incorrer no deſagrado
Do meu Real Favor, de abrir os olhos
Do mundo faſcinado, e de moſtrar-lhe
Que nada tem de real voſſas Peſſoas;
Que todos ſaõ fantaſticas Chyméras:

Que nenhum de vós-outros se intrometta
No famoso litigio, que hoje corre
Entre o Bispo, e Deaõ da Igreja d'Elvas. »
Sevéro, isto dizendo, se retira,
Deixando a todos tristes, e confusos.

Mas a vãa Senhoria, que conhece
A quem as ameaças se encaminhaõ,
Vendo, por este modo as maõs atadas,
Para seguir o empenho começado,
A carpir, se retira, n'um deserto,
Sua grande desgraça, envergonhada.

Entre tanto o Deaõ confuso, afflicto
Passava as horas, na memoria tendo
Do lardeado Gallo o infausto annuncio.
Pouco e pouco a cruel Melancolia
O devora, e consome; naõ graceja,
Como d'antes usava, co' a familia:
Mas em seus pensamentos abysmado
Comia pouco, pouco repousava,
Nem joga, nem Caffé, nem Chá bebia.
No pico d'um rochedo solitario,
Entre as trevas da noite carregada,
Taõ lugubre gemer de quando em quando,
O feio, e rouco Mocho naõ se escuta,

Como o pobre gemia retirado
No escuro canto d'uma nua sala.

Entaõ a zelosa Ama, a quem penetra
Do afflicto Patraõ a grave pena,
Um dia lhe fallou por esta fórma:
— Que tem, Senhor Deaõ? que magoa é essa,
Que taõ mudado o traz do que antes era?
Mal haja quem lhe dá tanto cuidado!
Essa cara, Senhor, que n'outro tempo,
Era cara de Pascoas, taõ alegre,
Taõ gorda, e Reverenda, taõ affavel,
(Até para os seus Servos) taõ mudada
Está do que já foi, que hoje parece
Uma cara de angustias! Naõ socega;
Mas em triste silencio sepultado,
Nem toma o seu Caffé, nem joga o Wisth!
Supponho que lhe déraõ mal de olhado!
Ah! se esse for seu mal, prompto remedio
Em mim encontrará: pois do quebranto
Sei benzer, e curar por mil maneiras:
Porém, se a causa é outra, naõ m'a occulte;
Que talvez lh'eu descubra algum alivio:
Pois, mil vezes, na plãnta desprezada,
Está de grave enfermidade a cura. —

» Ama (diz o Deaõ) para que é tonta ?
Por ventura naõ ſabe o graõ litigio ,
Que trago com o Biſpo ; em que meu brio ,
O meu ſer , minha gloria ſe intereſſaõ ?
Naõ ſe lembra tambem do infauſto agouro
Do lardeado Gallo ? Que mais cauſa
Em mim pertende pois de viver triſte ?
Oh ! ſe os Aſtros crueis tem ordenado
Que eu a demanda perca , de repente
Me verá eſtalar ſem frio , ou febre ,
Entre as barbaras maõs deſte desgoſto. »

— Senhor Deaõ (replica entaõ a Ama)
Se da ſua triſteza é eſſa a cauſa ,
Tem por certo razaõ para affligir-ſe :
Suppoſto , que naõ é o mal taõ grande ,
Que naõ poſſa remedio ter ainda.

Eu , ſendo moça , inſtituida
Fui nas artes da Madre Celeſtina ,
Pela velha Canidia : muito trato
Tive entaõ com o ſabio Abracadabro ,
Famoſo Encantador , que ainda vive ,
Naõ longe deſte ſitio , n'uma gruta.
Eſte eſtupendo Magico conhece
Das pedras , e das plantas as mais raras

As occultas virtudes ; ſabe a lingua
Das Aves , e Animaes ; com ſeus conjuros
Muda as louras ſearas ; ſobre a terra
Mil vezes faz deſcer trovões , e raios ;
Arranca do alto Ceo a branca Lua ;
Em negro Urſo mil vezes ſe converte ,
Mil em Lobo Cerval , e mil em Touro :
Eſte pois mudar póde do Deſtino
As Leis , e a Natureza ; e mentiroſo
Tornar (ſe lhe parece) o triſte agouro
Do diabolico Gallo. A conſulta-lo ,
Se for do ſeu agrado , iremos ambos. —
Diſſe : e o Deaõ ſuſpenso largo eſpaço ,
Sem ſaber reſolver-ſe , mudo fica.
Umas vezes ſe anima , outras receia
Do Magico feroz o horrendo aſpecto.
Naõ de outra ſorte eſtá Carvalho annoſo ,
Que em torno , pelo pé , ſendo cortado ,
Pendente d'um ſó fio , com a quéda
Cem partes ameaça , e a verde cópa
A nenhuma por longo tempo inclina.
Finalmente , o deſejo da victoria
Vence o frio temor, Tanto em ſeu peito
Póde a Raiva , póde a cruel Vingança !
Dando um grande gemido , eſtas palavras
Do mais intimo d'alma afflicto arranca ;

» Vamos , Ama , buſcar o grande Sabio ;
E veremos ſe tem meu mal remedio. »

Era alta noite , e a terra eſclarecia
Com duvidoſa luz a branca Lua ,
Quando o Deaõ , pela Ama conduzido
A um monturo ſe foi , onde ambos juntos
Se deſpem promptamente , e untando o corpo
Com ſangue de Morcego , e de Toúpeira ,
Sobre ſordidas pennas ſe eſpojáraõ.
Entaõ o corpo todo agita , e move
Com medonhos eſgares , e roſnando
Em baixo ſom , por entre os podres dentes,
Certas palavras a eſpantoſa Velha ,
Ao farfante Deaõ diz açodada :
= Voemos. = E n'um ponto (couſa rara !)
E que igual nunca fez Juan de las Vinhas !
Pelos ares voáraõ livremente ,
Procurando do Archimago a morada.
De Alcaçova o Prior , homem vexado
De nocturnas viſões , que entaõ a caſa
Do Nunes Bacchanal em companhia ,
D'um puxativo eſcalda , ſe tornava ,
Vendo alçar-ſe da terra os negros vultos ,
Arranca da brilhante Durindana ,
E o capote traçando velozmente ,

Póe-se no reto, parte, atira um furo,
Faz pé atraz; mas tropeçando acaso
N'um podengo, que á força de pedradas,
Os travessos rapazes tinhaõ morto,
De costas se estendeo na dura terra,
Coberto de vergonha, esterco, e lama.
Entaõ mais furioso se levanta;
E c'um golpe mortal a partir torna.
(O Pejo, e o Furor lhe dóbra as forças!)
Berra, salta, esconjura, põe preceitos,
Sem descansar, talhando os subtis ventos:
Mas tudo em vaõ; que leves, e seguros,
Nadando pelos ares, se sumiraõ
Os novos Antropógriphos nas nuvens.
Tu só, nesta aventura, infeliz Nunes,
Provaste a furia do pezado braço;
Pois, ao vibrar um talho o Dom Quixote,
C'o rabo te chegou da rija espada,
Fregando-te um gilvaz pelos focinhos,
Com que em duas te fez a aguda barba.

Nas entranhas d'um monte solitario,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,
Assiste Abracadabro, a quem patentes
Os profundos mysterios da Cabala,
E todas as leis saõ da Onomania.

Mil Globos, mil Compaſſos, mil Quadrantes
Confuſos jazem no ſombrio alvergue:
Alli Bethyles ha, ha Chelonites,
Corações de Toupeiras, ha entranhas
De vaõs Camelões, ha pedras d'Ara,
E magicos eſpelhos, ha cabeças
De mortos animaes, Lameiras Virgens,
Hipomanes, Mandragoras, e outras hervas,
Á luz colhidas da naſcente Lua,
Nas campanhas do Ponto, e da Theſſalia.
Aqui Ama, Deaõ deſcem, a tempo
Que á mal-acceſa luz d'uma Lanterna,
Um Taliſman o Magico compunha.
Ao feio aſpecto do fatal hoſpicio,
As carnes ao Deaõ ſe arripiáraõ.
Começa a vacillar; mas a malvada
Velha Bruxa o ſegura, alenta, anima.
Entraõ pois onde o ſabio trabalhava,
E proſtrada por terra a vil Carcaça,
Deſta fórma o ſilencio interrompia:

Famoſo Abracadabro, a cuja illuſtre,
Alta ſciencia os Fados concedêraõ
Dominar Elementos, e Planetas,
Eſte, que vês (eu creio o naõ ignoras)
É o nobre Deaõ da Igreja d'Elvas,

Pelo arrogante Bispo perseguido :
Do teu grande poder se chega ás abas.
Com o gordo Prelado, e seu Cabido
Uma demanda traz ; para vence-la
Tuas artes procura. Ah ! se algum dia
Com teu alto favor benigno honraste
Esta Serva fiel, por elle mesmo
A teus pés humilhada hoje te peço,
Que o queiras amparar ; elle o merece
Por triste, e desvalido, e pelo grande,
E profundo respeito, que tributa
A teu alto Saber, ás tuas barbas. —

Aqui o Velho Magico lhe torna :
» Nada do que tu dizes me é occulto ;
E por elle, e por ti provar intento
Quanto minha arte póde. » Isto dizendo
Todos tres se sahiraõ da caverna,
E á mal-distincta luz da frouxa Lua,
Sobre a raza Campanha Abracadabro,
Com uma curta vara, quatro linhas
De circulos pequenos logo traça :
A estas linhas junta tres fileiras
De outras, iguaes em tudo, quatro linhas ;
E entre si alguns circulos unindo,
Dellas varias figuras prompto fórma :

Umas ſe chamaõ Mãis, as outras Filhas,
Teſtemunhas, e Arbitros; iſto feito,
Diverſas hervas queima, e murmurando
Tres vezes, ao redor, certas palavras,
Começou a tremer toda a montanha,
Cem eſpantoſas féras, cem ſerpentes
Se ouvem bramir, ſilvar ao meſmo tempo.
Entaõ na frente do Deaõ pellado
Os cabellos, que ainda lhe reſtavaõ,
Em eſpetos ſe tornaõ, pelas veias
Subitamente o ſangue ſe lhe géla.
Mas quando vio ſahir da rude furna,
Horrendamente uivando, um Caõ medonho,
De negro, eſpeſſo, retorcido pelo,
Que lança pelos olhos triſte fogo,
E chegar-ſe do Magico ás orelhas,
De todo perde a cor, o alento perde:
Tres vezes quiz fugir, e tres o Medo
Os paſſos lhe embargou: immovel fica,
E ſemi-vivo reſpirar naõ póde.
Paſſado finalmente um breve eſpaço,
Com horrendo fragor ſe abre a Terra,
E crepitantes chamas vomitando,
Em ſeu ardente ſeio o monſtro eſconde.

Entaõ, deixando o Bruxo o féro encanto,

Para o Deaõ ſe volta, e neſtes termos
Com feia catadura lhe reſponde:
— Em fim naõ ha remedio: nada pódem
C'o Fado inexoravel meus conjuros:
Nos duros diamantes tem eſcrito
Que a lide perderás. — A eſtas vozes
Todo o valor cedeo do heroico Lara:
Começou a tremer, e ſobre a terra
Sem alentos cahio, e ſem ſentidos.
Sobre elle ſe debruça a torpe Velha,
Chorando amargamente. Abracadabro
Á gruta corre, d'onde, compaſſivo
Trazendo um negro fraſco, todo cheio
D'um eſpirito vital, lh'o arruma ás ventas.
Entaõ um gram ſuſpiro derramando
O Deaõ abre os olhos, e começa
A cobrar os alentos, que perdêra.
Por largo eſpaço o deixa o Nigromante
Repouſar em deſcanço, até que ao vê-lo
De todo do deſmaio recobrado,
Com mofa, e compaixaõ aſſim lhe falla:

— Naõ cuidei, que taõ pouco esforço tinhas,
Preguiçoſo Deaõ, imbelle, e fraco;
Que uma ſentença contra ti vibrada
Te fizeſſe perder de todo o alento:

Mas és Cónego em fim , e tanto baſta !
Ignoras tu acaſo que as deſgraças
Pedras de toque ſaõ , onde os quilates
Das grandes almas ſempre reſplandecem ?
De mais , que os duros Fados taõ injuſtos
Naõ ſaõ para comtigo , que vingança
A teus grandes aggravos naõ permittaõ : —

Ao echo da vingança o antigo esforço
Cóbra o pallido Lara ; e alvoroçado
Eſta pergunta faz ao velho bruxo :
» E que vingança é eſſa , Abracadabro ,
Que o Fado me promette ? » Entaõ o ſabio
Com ſevero ſemblante lhe reſponde :

— Virá a ſucceder-te no Deado
Um novo Herói da tua meſma raça.
Eſte , ſendo tambem indignamente
Pelo orgulhoso Biſpo injuriado ,
Porque á porta recuſa do Cabido
Ir , como tu , a off'recer o Hyſſope ,
Para em ſalvo ſe pôr de ſeus inſultos ,
Deixando , ſabiamente aconſelhado ,
De venaes Magiſtrados o recurſo ,
Refugio buſcará nas ſantas Aras
Onde Themis preſide , e firme aſilo

Achaõ contra a violencia os Opprimidos.
Os Miniſtros da Deoſa, que zeloſos
De ſeu altar, e culto, attentos ſeguem
As pizadas do Principe famoſo,
Que dando ao Sacerdocio, ao Sceptro dando,
O que é do Sacerdocio, o que é do Sceptro,
Tem de ambos os poderes felizmente
As ſagradas balizas aſſignado,
E defendem com prompta vigilancia
Da Real Juriſdiçaõ os juſtos termos:
Ao Biſpo mandaráõ, por ſeu Decreto
Que a razaõ deſte exceſſo logo aſſine.
Á fatal viſta do impreviſto golpe,
Taõ conſternado fica o bom Prelado,
Que com fraqueza vil doloſamente
(Acçaõ bem digna ſó d'um home' indigno!)
Do livro mandará riſcar as multas;
Negará tê-las feito, e negaria,
Se neceſſario foſſe, o meſmo Chriſto.
Entaõ deſiſtirá, cheio de medo,
Da pertendida poſſe, e ſeus direitos:
E a pelle convertendo na apparencia,
De féro Lobo, ſe fará Cordeiro. —

Diſſe: e o Deaõ, de ouvi-lo ſatisfeito
Mil graças dava aos Fados, dava ao Sabio,

Mil á Velha, que a vê-lo o conduzira.
Já a Aurora, deixando enfastiada
Do potroso Titaõ o frio leito,
Sobre o Carro, de aljofres guarnecido,
Com um mólho de rosas excitava
Ao veloz curso as remendadas Pias,
Que os freios mastigando de diamante,
Por olhos, e por ventas scintillavaõ
Tremulos raios, que de luz cobriaõ
Os longo-apavonados horizontes:
Quando a Velha, o Deaõ, ambos deixando
O grande Abracadabro, e sua gruta,
A descansar da longa ameijoada,
Para Casa velozes se partiraõ.

Era já alto dia, e retumbava
Em alegres repiques Elvas toda,
Quando o Deaõ acorda ao grande ruido,
E chamando os Criados lhes pergunta,
Qual do grande Zaõ-Zaõ era o motivo.
Entaõ o Cozinheiro, debulhado
Em lagrimas, lhe conta, que a noticia
De ter vencido o Bispo o grande pleito,
Que trazia com sua Senhoria,
Tinha, ha pouco, chegado por um Proprio:
Que em todas as Igrejas naõ havia

Sino grande , Matraca , ou Campainha
Que , em ſinal de prazer , ſe naõ tocaſſe.

Acabou o bom ſervo a triſte arenga ,
De ſeu peito exhalando um graõ ſoluço :
Mas ſua Senhória conſolado ,
Da futura vingança com a imagem ,
Sem alterar-ſe , ouvio a infeliz nova.

F I M.